

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XVI - N.º 256

Melgaço, 1 de Julho de 1961

O que é a Bíblia

Augusto Esteves, para recordar o centenário do escritor Trindade Coelho, transcreveu do menos valioso dos livros do famoso escritor trechos referentes ao protestantismo, citando parte referente à Bíblia, onde se contém erros contra a fé, que Augusto Esteves não esclareceu aos seus leitores.

O Mário, homem sério, culto e investigador, é credor da admiração de Augusto Esteves por lhe ter expurgado as suas obras de alguns erros.

A nossa correcção aos erros contra a fé é-nos imposta, porém, pelo amor à verdade e respeito à religião que professamos, e não por baarrismo.

Aproveitamos, no entanto, a oportunidade para esclarecer os nossos leitores sobre o que é a Bíblia.

E para que se não julgue que o fazemos por acinte, transcrevemos de «A Luta», dos Estados Unidos, do número de 14 de Junho do ano corrente um trabalho sobre

O QUE É A BIBLIA

Qual de vós, já viu a Bíblia? Em vossa casa haverá muitos livros, e haverá também uma Bíblia? Já viste uma livraria. Tantos livros ali e não haverá talvez uma Bíblia. Este livro é que devia estar em toda a parte. A Bíblia é «o livro por excelência» ou «o livro dos livros». É «o livro de Deus».

Enquanto todos os outros livros têm algum homem por autor, a Bíblia tem por Autor o próprio Deus. Entre todas as manifestações do amor de Deus para connosco podemos considerar como das maiores o ter-nos dado um livro para nosso bem, nossa formação e salvação.

A Bíblia é o livro que conta o que Deus fez pela felicidade do homem, e o que nós devemos fazer para nos encontrarmos com Ele.

A Bíblia apresenta a história da nossa salvação que é a história daquele povo — o povo israelita — que o próprio Deus fundou e preparou para nele nascer Jesus Cristo — nosso Salvador. Por isso também podemos dizer que a Bíblia é a história de Jesus.

Devemos ler a Bíblia

É muito agradável a leitura da Bíblia, pois nela encontramos os modelos mais sugestivos, as descrições mais vivas e interessantes dos vários aspectos da vida, em que a nossa própria vida se vê tão bem retratada. S. João Crisóstomo afirma: «Um prado é agradável, um jardim é deleitoso, mas é muito mais agradável o estudo da Sagrada Escrituras».

É muito útil a leitura da Bíblia. Ao seu contacto a inteligência enriquece-se de ideias e de bons princípios morais, a vontade recebe caudal de energias para actuar segundo fins mais altos.

A Bíblia é um grande alimento espiritual. O Santo Padre Bento XV diz: «Pelo que a nós se refere, Veneráveis Irmãos, à imitação de S. Jerónimo, jamais deixaremos de exortar todos os fiéis a ler diariamente os santos Evangelhos de Nosso Senhor, os Actos e Epístolas dos Apóstolos, procurando convertê-los em seiva da seu espírito e sangue das suas veias».

É mesmo necessária a leitura da Bíblia. A Bíblia, juntamente com a Tradição, traz confidas as verdades de salvação, o nosso verdadeiro destino, e o caminho pelo qual havemos de alcançá-lo.

Na Bíblia os homens encontram-se com Deus.

Continua na 2.ª página

GRI... CRI... GRI

Dizí-mos nós no último rabisco que o primeiro passo para se levar a efeito qualquer empreendimento é a boa vontade. Mas se apenas dermos esse passo, não seremos mais que uma criança que, após o seu primeiro passo, fosse atacada da paralisia infantil, menin-gite ou coisa parecida que a teriam inutilizado para a sua vida futura.

Do o 1.º passo que, neste caso, é a boa vontade, necessário se torna saber aproveitar as oportunidades, e, desperdiçando-as, adeus melhoramento. Ora a ocasião mais oportuna para se conseguir o prolongamento da estrada do Casal à Igreja de Paços nunca será melhor que a actual. Pois não temos um vereador que, além de muito competente, é nosso conterrâneo? Que melhor ocasião esperamos?

Quanto à conveniência do melhoramento não há discordância. Até o mesmo José Douteiro é capaz de votar a favor, porque, se é certo que a estrada lhe rouba uns metros de terreno de milho, também não é menos certo que a latada, pelo seu alargamento, passa a produzir mais um bompar de almedes. E isto com pequeno prejuízo, pois muitas videiras já ficam mesmo onde estão, que nada estorvam, e outras é questão de as mergulhar um bocadinho para dentro, sem dificuldade de maior.

Porque não havemos de pôr em prática a ideia do extinto amigo Adriano Gomes que tanto quis engrandecer a freguesia, e, se mais não conseguia, é porque a morte lhe não deu tempo?

Mãos à obra, rapazes, vamos a isto, mas vamos hoje, que amanhã pode ser tarde!

Não perçamos a oportunidade!

GRILLO

POR ABSOLUTA FALTA DE ESPAÇO

Não publicamos a reportagem "Por terras de França".

Peditório em benefício das vitimas de Angola

A jornada de andar de porta em porta a pedir "uma ajuda para as vitimas de Angola" foi bem compensadora, graças a Deus! Compensadora na parte monetária, compensadora mais, ainda, talvez, na compreensão e no auxílio que em todos encontramos, quantos estiveram connosco. As comissões das freguesias foram incansáveis e a elas se deve, verdadeiramente, o bom resultado a que chegamos. Para todas aqui vai o nosso reconhecimento e um "Deus lhes pague" sincero, assim como para todos os Exmos. Párrocos, a quem coube também, uma grande parte.

Foi assim a colheita realizada: Alvaredo, 905\$00; Castro Laboreiro, 2.265\$50; Chaviães, 887\$50; Couso, 1.500\$00; Cristóval, 2.745\$00; Cubalhã, 535\$00; Fiães, 3.067\$40; Gave, 760\$00; Lamas de Mouro, 575\$00; Paços, 2.643\$50; Paderne, 3.392\$60; Parada do Monte, 1.061\$00; Prado, 1.435\$00; Penso, 1.366\$50; Remoães, 440\$00; Rouças, 1.833\$00; S. Paio, 1.265\$50; Vila, 8.799\$50. Total, 35.475\$00.

Houve, ainda, ofertas de muitas roupas de algumas freguesias, de uma peça de pano, do sr. Aprígio Cerqueira, de muitos medicamentos dos Exmos. médicos da Vila, de duas caixas de charutos do sr. Dr. Augusto Esteves além da sua esmola, etc., etc.. Tudo isto valores a considerar e que elevam a verba de dinheiro em muitas centenas de escudos. Na verba da Vila está incluída a de 1.817\$50, proveniente da sessão de cinema dada pelo sr. Dr. António Durães, a quem dizemos, também o nosso muito obrigado.

Melgaço respondeu muito bem, como sempre. A hora é de todos, que todos temos dentro do peito um coração português. Não deixa, no entanto, de ter valia, o saber estar presente. E todos poderemos muito e havemos de poder tudo, se Deus quiser. A questão é sabermos sentir de que só verdadeiramente unidos e dando todo o nosso esforço, nas condições em que é possível a cada um, poderemos vencer. E Portugal continuará e Angola será sempre Portugal!

A Comissão,

Maria Fernanda Pinto, Coelho Durães
Laura Esteves Teixeira
Leonor Durães Lima
Emília de Magalhães Araújo
Maria Teresa Alves Carabal
Adalgisa Passos Almeida
Maria Amélia Esteves

Pelo Concelho

Eng. Augusto Machado — Promovido a Inspector-Chefe, deixou de exercer as suas elevadas funções de Director dos Serviços Florestais do Norte, S. Ex.cia o Senhor Eng. Augusto Machado.

Grande técnico, grande coração, grande diplomata, a obra de S. Ex.cia ficará para sempre, a atestar a sua passagem pelo Norte.

Como técnico, a sua voz tem sido ouvida com interesse em vários congressos do país e do estrangeiro; grande coração, levou a muitos lares pobres, pela sua mão, o conforto dum nível de vida mais alto, dando colocação a muitos cidadãos modestos; grande diplomata, não seria tão fácil a arborização dos montes, sem a sua prudência e bom senso.

Melgaço deve muito a S. Ex.cia. Uma grande parte das estradas dos Serviços Florestais deve-se ao Senhor Eng. Machado.

(Continua na 4.ª página)

3 139-242 página estas apoc.
no 227

«O meu Ficheiro»

(Continuação da 4.ª página)

tingão o curso geral dos liceus em Viana do Castelo e o curso complementar de letras (com inglês e alemão) no liceu de Braga, foram os seguintes:

Em Outubro de 1915, matriculou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Secção de Filologia Germânica) que frequentou até 1917.

Em 1916, passou a frequentar a Faculdade de Direito da mesma Universidade, concluída a licenciatura em 20 de Novembro de 1922, passando depois a advogar em Braga; mas, em 1924, após ter feito concurso com distinção, foi nomeado Delegado do Procurador da República da comarca de Cuanza-Sul (Angola) em cuja província exerceu idênticas funções nas comarcas de Cuanza-Norte, Malange e Cabinda, sendo transferido, em 1928, para Tete (Moçambique) desempenhando ainda as mesmas funções em Moçambique e Inhambane.

Em 1933, por ocasião da visita à província de Moçambique do Ministro prof. dr. Armindo Monteiro, exerceu o cargo de Encarregado do Governo do distrito de Moçambique, durante a ausência e licença na Metrópole do respectivo Governador.

Mediante concurso, com a classificação de **Bom**, foi despachado Juiz de Direito de Bicholim (India), onde também exerceu a Jurisdição na comarca de Capem.

Em 1945, ingressou na magistratura da Metrópole, onde foi Juiz nas comarcas de Castelo Branco, Viseu e Braga, sendo, em 1951, nomeado, **por escolha**, para o cargo de Corregedor do círculo judicial de Viana do Castelo.

Em 1955, por opinião da Junta de Saúde, foi aposentado na 1.ª classe, por sofrer de forte depressão nervosa, consequência dos climas doentes por onde desbaratou uma grande parte da sua vida e por onde deixou dispersas tantas saudades da sua pessoa e da sua Justiça.

Em fins de 1957, abriu banca de advogado em Guimarães (Rua Dr. Avelino Germano, n.º 98-1.º) onde se dedica quase exclusivamente à advocacia de gabinete.

Produziu vários trabalhos jurídicos na Relação do Porto e no Supremo Tribunal de Justiça e no S. T. Administrativo; mas sempre teve predilecção pelos estudos jurídicos e históricos, dedicando-se com todo o pendor à *Heráldica de Domínio*, onde, quer ele queira quer não, é um Mestre.

E eis, prezado leitor, a traços largos e tanto quanto mo permitiram os meus modestos conhecimentos literários, quem é o **HOMEM** — o muito culto e esclarecido Sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira, a quem neste momento e neste local quero nem só felicitar pelo seu magistral trabalho, que deu ensejo a este meu pobre arrazoado, como também pedir desculpa — muita desculpa — pelo atrevimento de ter tornado pública parte da sua vida particular; pois, embora a minha intenção tenha sido boa, sem querer, posso tê-lo ferido na sua reconhecida modéstia.

MÁRIO

Quinta em Valença — Vende-se

Com excelente casa de habitação para o próprio, casa de caseiro, eira, espigueiro, nogueira, etc., pomar novo e de grande rendimento, produz 10 pipas de vinho, mas a aumentar a produção de ano para ano, visto a plantação ser nova; produz 7 carros de milho, 4 alqueires de feijão e outros cereais, azeite, etc. Tem 3 sortes de mato, com pinhal novo. O terreno é todo plano. As sortes de mato são pegadas à quinta. É vedada. Bem tratada. Junta à Estrada Nacional, e a 500 metros da Vila. Preço 460 contos. Mostra e trata: FIGUEIREDO — Trav.ª Clérigos, 15-2.º — Telef. 24195 — PORTO.

Parada do Monte, 26

Dizem que quem quiser ler treços que leia gazetas. Mas esta não é treça. É a pura realidade, e não podemos deixar de mencionar a «A Voz de Melgaço» este caso bastante extraordinário. Pois trata-se de cor-pulência dum menino de 15 anos, o menino António José da Cunha, filho do Sr. Júlio da Cunha e de sua esposa Maria Afonso, Regente escolar. Pois este menino modo nada menos do

que 1,84 de altura e pesa 84,5 K. Pois na verdade, é um menino na idade, mas é um homem mas daqueles que sejam homens na estatura. Este menino neste andar, quando tiver vinte anos será um gigante.

NASCIMENTOS — Deu à luz uma criança do sexo feminino a Sra. Rosa Rodrigues esposa do Sr. Salvador Esteves, do lugar da Lagarteira. Também deu à luz duas crianças gêmeas, a

(Continua na 4.ª página)

SOCIEDADE

Aniversários

FAZEM ANOS: — Amanhã (98 srs.) Fernando Domingos Trancoso e João Hilário Alves Gonçalves; no dia 3 a Sra. D. Maria de Lourdes Fernandes Durães e o sr. José António de Araújo Gonçalves; no dia 4 o sr. Germano Henrique Alves Carabel; no dia 5 o jovem Francisco Augusto Esteves; no dia 7 o sr. José Augusto Ribeiro Júnior; no dia 8 o sr. Amador Miguel de Carvalho, (saudo Correspondente de Charviães... Que será feito dele?) no dia 9 a Sra. D. Maria Jedita dos Santos Lima Las Casas e o sr. Ricardo de Sousa Lobato; no dia 10 a menina Isabel Maria Domingues Costa; no dia 11 o rev. Justino Afonso; no dia 13 a menina Flávia Maria Calheiros Gonçalves, o sr. Edmundo Godinho da Cruz e o jovem Filinto Felisio Gomes Pinheiro de Almeida; no dia 14 a menina Eduarda da Conceição Gomes e o sr. João de Almeida (Catalina); e no dia 15 a menina Georgina Danças da Costa Afonso.

NASCIMENTO — Em Lisboa, nasceu, há dias, uma linda e robusta menina, filha da Sra. D.ª D. Maria Eduarda das Neves Pinheiro Carvalhinhos e de seu marido, sr. dr. Américo Caldeira Carvalhinhos. Tanto a mãe como a recém-nada passam bem.

A ineféita, que é neto-materna do nosso muito amigo e estimado, sr. Henrique Luís de Barros Pinheiro, acreditado gerente comercial em Lourenço Marques, desejamos as maiores felicidades.

POR SANTA RITA, 28

Pouco mais há a assinalar nesta quinzena. Já nos deixaram por algum tempo os troilhas, que foram até Fiaças, a preparar a festa e só andam por aqui os homens do fogo. Poucos afinal.

Vão-se liquidando algumas facturas, uma por ex: foi de envergadura, 21.000\$00 para a casa das madeiras, «Fénix Construtora», de Braga; começámos a pagar à «Casa Arte Cristã», dos pintores e assim vamos indo, devagar é claro, mas vamos indo. Este problema das contas é uma tortura muito grande. Não fazem ideia. Mas está escrito...

No domingo passado, vimos, nesta igreja, devotos de muito longe, de Parada do Monte que tanto nos ajuda, de Cristóval, de Chaviães, da vila, etc., onde Santa Rita tem muitos amigos.

Num dos domingos passados, estive a celebrar aqui o sr. Dr. Neto, do colégio das Caldinhas, Santo Tirso.

As ofertas vão subindo, não com a pressa que todos desejamos, mas vão subindo, graças a Deus.

E assim: de Manuel José Sérvio, dos Lourenços, 50\$00; de António Fernandes, da Eira, mais 1.000 francos; de Manuel Fernandes, de Loviã, mais 20\$00; da Sra. D. Maria Teresa de Almeida, da vila, 100\$00; do menino José Domingues, da Eira, tão novinho e já tão amigo de Santa Rita, 1.000 francos; de Armandina Esteves, de S. Paio, 20\$00; de Maria Esteves, da Carpinteira, 20\$00; do nosso amigo Hilário Rodrigues, digno G. Fiscal, que nunca vem à Terra que não reparta com S. Rita, mais 50\$00; da mãe do Orlando Joaquim Alves, do Gavião, 50\$00; do nosso tesoureiro, 461\$00; do sr. David Teixeira, digno comerciante na vila, mais 10\$00; do nosso amigo, Augusto Cândido Carvalho, da Deveza, mais 1.000 francos; do sr. José Manuel Cardoso, digno G. Fiscal, da vila, 100\$00; do sr. Adelino Domingues, de Prado, 100\$00; da Sra. Maria Rosa Domingues, de Surribas, 20\$00; da Sra. Maria Amélia Domingues, de Bilhões, 20\$00; da Sra. Maria Amélia de Barros, da Vila, 20\$00; da Sra. D. Maria da Lurdes Carvalho, mais 50\$00; da Sra. Albertina Rodrigues Barreiros, da Picota, 22\$50; do sr. João Baptista Alves, do Val, 60\$00; da Sra. Dorinda Afonso, de Parada, 20\$00; da Sra. Ernestina Esteves, também de Parada, 55\$00.

E fiquemos hoje por aqui. Demos graças a Deus. E continuemos. Há muito que fazer e ainda vamos tão atrasados!

Pois vamos todos. Que todos nos ajudem nesta cruzada que é para serviço de Deus.

Até à próxima, se Deus quiser.

ATENÇÃO

Poderá alguém informar do paradeiro de Manuel Pereira, domiciliado no lugar dos Carvalhos, a quem são devidos pagamentos de renda por acidente de trabalho, em França?

Em Rouças, não é conhecido.

Se alguém souber da sua residência era favor comunicá-la ao Presidente da Junta de Rouças, Melgaço.

Também no dia da chegada das Relíquias do Santo Condestável a Melgaço foi emprestado um guarda-chuva e não se sabe a quem se deve entregar. Ao interessado, pedia-se a fineza de procurar o rev. do P.e Carlos Vaz.

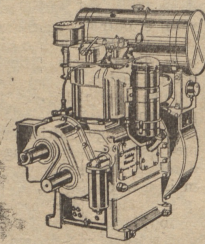
O que é a Bíblia

(Continuação da 1.ª página)

Paul Claudel, célebre escritor francês, na sua juventude afastou-se de Deus. Um dia entrou na igreja de Notre Dame de Paris e sentiu-se tão impressionado pelo canto e pelas cerimónias que, neste momento, começou nele a despertar a fé. Mas as antigas ideias erróneas continuavam a dominá-lo ainda, até que um dia ao ler a Bíblia todos os preconceitos se lhe foram desaparecendo e fez o mais sincero acto de fé: «Reconheci então com o Centurião que Jesus é o Filho de Deus».

(Continua)

ARMSTRONG



MOTORES DIESEL ARMSTRONG

DE 6 A 33 CAVALOS
ARRANQUE A FIO SEM CIBARRO
CENTENAS DE MOTORES A TRABALHAR EM PORTUGAL
LEVES - ECONÓMICOS - ROBUSTOS
Em todas as regiões do país temos motores
cujos possuidores dão referências
sobre o funcionamento, economia, etc.



RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 510 - PORTO - TELEF. 24809

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XVI - N.º 237

Melgaço, 15 de Julho de 1961

O que é a Bíblia

COMO DEVEMOS LER A BÍBLIA

Devemos lê-la com humildade e não com orgulho ou presunção de entendermos quanto nela está escrito. Há na Bíblia partes difíceis de entender. Basta pensarmos que a Bíblia foi escrita há muitos séculos e ao longo de muitos séculos, em linguas diversas, grego, aramaico e hebraico, que hoje são mortas.

Devemos lê-la, como quem reza invocando o Espírito Santo, pois Ele é que nos pode ajudar a interpretar o pensamento divino. Devemos lê-la com o maior respeito, como a Santa Mãe Igreja ensinava.

Qual de vós não viu já incensar o missal, que contém grande parte da Bíblia?

Incensa-se a palavra de Deus. Também se incensa o SS.mo Sacramento.

E também o sacerdote, no fim de ler o Evangelho, beija a palavra divina e diz: *Per evangélica dicta, delantur nostra delicta — pelo que no evangelho está dito são apagados os nossos delitos.*

O propósito há-de ser este: ler a Bíblia com muito amor. Tenhamos ainda presentes estas normas: a Bíblia há de ser aprovada pela santa Igreja, publicada sob vigilância dos bispos e acompanhada de notas explicativas. Por isso é que é proibida a leitura de bíblias publicadas por não católicos.

O ESPÍRITO SANTO FALA NA ESCRITURA

«Parece que está inspirado». Esta frase diz-se a respeito de alguém que está a dizer coisas muito oportunas e muito sensatas, as quais parecem ser concebidas por uma inteligência cheia de luz.

«Parece que está inspirado». Também se diz esta frase a respeito de alguém que, em circunstâncias difíceis, acertou fazer o que era indicado para resolver questões. Tal decisão proveio duma vontade recta e bem ordenada.

Subindo a um plano mais alto, ao plano divino, airmos que inspiração é uma iluminação da inteligência e um influxo na vontade do escritor sagrado, para que veja pela inteligência o que Deus quer revelar, e se mova pela vontade a escrever o que Deus quer que se escreva.

Praticamente vemos o que é inspiração num pedacinho de Jeremias (XX, 12): «Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias nos termos seguintes: Assim fala o Senhor Deus de Israel: escreve num livro todas as palavras que te tenho dito».

Vemos que a iniciativa vem de Deus que Ele é que ilumina, ditando até as palavras, e que Ele é que move a escrever.

Sendo assim, como é, Deus é o autor principal da Bíblia e o escritor sagrado, o homem, é o instrumento, vivo, livre e inteligente, de que Deus se serve para dar à humanidade os livros santos.

E desta maneira podemos estabelecer esta comparação: Tal, como Jesus Cristo é Deus e Homem, a Bíblia é um livro divino-humano. (Continua)

Não sabemos se é verdade

Não sabemos se é verdade — Vai acesa a guerra que Portugal é obrigado a manter em Africa. Tendo já em terras de Goa um valioso contingente de tropas, há muitos anos, é o Governo obrigado a mandar, com a urgência possível, grandes contingentes para todas (Continua na 4.ª pág.)

GRI... GRI... GRI...

Vamos hoje referir-nos ao jardim em frente aos Paços do Concelho, mas deixaremos as flores para outra vez, que hoje é o dia da má língua:

A abundante e fresca sombra das tilias convida-nos a ir passar aí umas horas de calma, mas já escassez de bancos afasta-nos logo, porque há apenas dois, e um deles, pelas 9 horas, está impositivo de satisfazer o seu fim, devido à altíssima temperatura, transmitida pelos raios solares.

Como sabetas, é um local muito frequentado, por estar mesmo à porta das Repartições Públicas, e torna-se aborrecido ter de estar de pé, uma ou mais horas, à espera da nossa vez.

Sabemos que o rendimento da nossa Câmara Municipal não dá para grandes obras, mas esta que julgamos de grande necessidade, não excederá as suas possibilidades financeiras, e mal vai, se tal sucede.

Não vamos pedir um banco para cada tilia, como nalgumas localidades se vê, mas, francamente, é uma pobreza franciscana.

NOTÍCIA ALEGRE

No próximo dia 30 vamos ter oportunidade de ouvir em Paços a Banda de Música de Monção que vem abrilhantar a festividade em honra da gloriosa S. Ana. Haverá, de tarde, leilão e arraial.

GRILO

Festival-Exposição do Vinho Português

Tudo indica que o II Festival-Exposição do Vinho Português, que de 15 a 30 de Julho se realiza no Bombaral, vai constituir um magnífico certame de propagação dos nossos vinhos e dos produtos que estão ligados à vitivinicultura.

O número de expositores é já grande, esperando-se a colaboração dos orgãos (Continua na 2.ª pág.)

A propósito do centenário de Trindade Coelho

Augusto Esteves, como todos os antigos alunos da Velha universidade de Coimbra, além de todos os devotos das letras nacionais tem grande estima por Trindade Coelho, cujo centenário do nascimento ocorreu em 18 de Julho do ano em curso, pois nasceu em Mogadouro em 18 de Junho de 1861.

Augusto Esteves falou largamente, no colega local, deste escritor, e transcreveu da obra menos valiosa de Trindade Coelho trechos que brigam com a religião católica.

Porque o nosso jornal é católico, temos de esclarecer os nossos leitores, e, por isso, transcrevemos do «Mensageiro de Bragança» de 23 de Junho a apreciação ao pensamento religioso de Trindade, que dedicou ao contemporâneo o número citado.

Leiam-se estes períodos do «Mensageiro de Bragança»:

«Entende que as Ordens religiosas deviam ser proibidas de ensinar, tal como em França determinara a triste lei Waldeck Rousseau; que os Seminários não haviam de ser dominados pelos jesuítas; que os círculos católicos de operários são nocivos, por se oporem ao socialismo; que estas forças da reacção deviam combater-se, de acordo com as instruções do Grande Oriente Lusitano Unido; que não há direito de proibir o divórcio; que o protestantismo é preferível ao catolicismo; que urgia manter uma Igreja Lusitana e que «o Concílio Vaticano não foi admitido em Portugal», pelo que «não obriga a Igreja Portuguesa». (Id., op. cit., p. 374).

Não lancemos pedras ao grande contista, por estes discursos inconcebíveis. Ele repetiu, a seu modo, a tragédia religiosa de Antero, ao ver-se afeiçoado, sem a necessária armadura teológica, para a balbúrdia assassina em que a nossa Universidade se tornara. Quase todas as suas crenças foram varridas, pelos ventos inclementes de irreligiosidade e ateísmo que sopravam lá. Depois, bebou avidamente as heresias que o demo-liberalismo lhe propinava.

E depois de tudo isto — tendo-se afastado da verdadeira religião, a católica — em 9 de Junho, num acto de desespero, matou-se no 4.º andar do prédio n.º 20, da Rua da Misericórdia, em que vivia, em Lisboa!...

J. V.

DIÁRIO DE COIMBRA

Este nosso brilhante colega da Lusa Atenas, no seu número de 4 do corrente, a propósito da passagem por aquela cidade do Sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira, que ali foi festejar o 40.º ano da sua licenciatura em Direito, reproduz a parte final do significativo trabalho heráldico da autoria desse ensaísta «Sobre o simbolismo das armas municipais de Melgaço» que publicamos em 1.ª mão no dia 1 de Junho, «por se adaptar ao minuto presente» que estamos a viver por causa da nossa querida província de Angola. Gratos pela deferência.

Por terras de França

Hei-de lembrar sempre o carinho, com que fui recebido na casa do velho amigo Sr. Joaquim Merim e familia. Um lar verdadeiramente português, pelo grande amor à sua terra natal, pela delicadeza de sentimentos para com a nossa querida Pátria. Tudo, naquela casa, tão bem cuidada e acolhedora, lembrava o respeito devido a Deus e o carinho para com a nossa linda terra.

Os amigos do Sr. Joaquim não dispensaram a nossa visita.

Já não podia fazer a volta a França com a presteza desejada. Em Le Creusot, era preciso visitar todos os portugueses.

No dia 16: Entre as boas coisas desta cidade, o hospital ocupa um dos primeiros lugares. Vale a pena ver-se. É das coisas mais perfeitas que há pela França e no mundo da técnica. Seu capelão, uma boa figura de sacerdote, alto, sorridente, mutilado da guerra, sem um dos braços, havia de acompanhar-nos na visita ao edificio.

Boas salas de raio X; uma, para reeducação de membros e maçagens, outra com aparelhagem perfeitíssima para purificação do ar; as salas de operações, suficientemente amplas e com todo o material mais perfeito, não faltando uma boa e apropriada máquina para fotografias aos operados, de maneira que, durante as operações podem obter-se umas 50 por hora; bisturis eléctricos, etc. etc.

Uma bela cozinha, ampla, fresca, muito limpa, onde as refeições são o mais cuidadas possível, boas salas, para convalescença, repouso, etc., etc. e, na direcção, dedicadas Irmãs.

Havia aqui a mão de um Homem. Um destes homens que surge sempre nas grandes ocasiões e que a cidade naqueles dias chorara e com ela o mundo dos grandes industriais e a própria França, com a presença do general De Gaulle, o Sr. Schneider.

Uma extraordinária fortuna, uma grande cabeça, ao serviço do seu país, criando riqueza, um coração, construindo 3 igrejas, um hospital, um colégio especial para engenheiros desenhadores, o homem que dirigiu uma das melhores fábricas do mundo, em certos ramos, fábrica a que não faltava a televisão para se ir verificando, simultaneamente, o fabrico de certas máquinas e 12.000 operários, 12.000 colaboradores.

Ainda pude ver, junto à igreja, onde celebrava a santa missa, multíssimas corças e ramos de flores que 2 carros transportaram dias antes, no funeral, desse grande homem e cidadão. Não faltara ali sequer a do Presidente da República do Brasil.

Vale a pena fazer bem. Se todos os homens do capital, desses que manipulam milhões e milhares, criassem riqueza, toda quanta pudessem, como seria grande a nossa Pátria, como todos os homens da nossa terra seriam mais felizes. E como é verdade o dito do nosso povo, quando recomenda aos rapazes que vão ganhar a vida: olhai que o dinheiro ganha-o um burro a trabalhar.

Este homem foi um criador de riqueza e prosperidade.

•••

Num intervalo, fomos visitar vários amigos e conhecidos, o José Rodrigues, de Cerveira, que andou por aqui com o Sr. Baptista e hoje se encontra em França com os seus filhinhos. Os seus filhinhos! como me lembra sempre o mais velho, menino do coro, já a falar francês, no meio dos outros, tão educadinho e tão esperto...

Uma Senhora de Longos Vales e seu marido e um casal de Pinheiros, Paderno, com dois gémeos, ainda novinhos, no berço. Como são as mães! Quis que os vissemos também e esta senhora fez-nos portador duma linda notícia para a sua mãe que lhe dissesse os fosse ver, que eram muito lindos os gémeos, que fosse a França para os ver...

Recebe esta Senhora 30.300 francos mensais do respectivo órgão do Estado para a educação de todos os seus filhos.

Que bela iniciativa esta de se ajudarem as mães a criarem os seus filhos.

Como são de louvar os Governos que dedicam a esta obra as suas atenções.

E vimos, mais uma vez, o simpático Caçador e seu filho e o Cortes, um belo rapaz, que fora caseiro e agora trabalhava na França. Quiseram que bebéssemos em sua casa e não faltou um porto de honra, a lembrar as nossas lindas terras de Melgaço e a nossa saúde.

Em todas as casas pude ver, facto que me encheu de alegria, símbolos religiosos, quadros de N. Senhora, crucifixos. Oh! a bela colónia portuguesa de Le Creusot!

Pudemos abraçar um antigo empregado do Hotel Rahnada, que ali lembramos, um simpático conterrâneo, que

PARA QUE SE SAIBA

Felicitemos todos os que para aqui escrevem por assinarem os trabalhos que enviam para o nosso jornal, tomando **responsabilidade** dos seus actos, e não a fazendo cair sobre os ombros do Director, regeitando a facilidade da **cobardia**, e ainda porque à face da lei o responsável do escrito é o Autor, e, quando este não assina, é o Director.

Parabéns a todos, e oxalá não seja necessário **adubar o caldo**.

Nesta casa respeita-se o carácter e quem o possuir.

PÊSAMES

Enviamo-los muito sentidos ao sr. prof. Vitoriano Ribeiro de Figueiredo e Castro e a sua Ex.ma filha sr.ª D. Maria Leonor Ribeiro de Figueiredo e Castro, pelo recente falecimento, em Braga, de sua chorada Esposa e Mãe, sr.ª D. Carmem de Jesus Araújo e Castro.

Que o Senhor tenha recolhido em Sua Santa Glória a alma da ilustre e pranteada extinta.

tanto nos acarinhou, e o Sr. Valadares de Paços e Família. Que horas bem passadas.

A tarde de hoje, 16, estaria sob a direcção do Sr. Augusto Merim. Quanto devo a este bom melgaçense que me proporcionou um dos passeios mais lindos da minha volta a França.

Tem o Sr. Augusto Merim uma linda casa nesta cidade, um jardim que é um encanto, não faltando alguns bardos de vinha, porventura a recordar a nossa terra e uma bela oficina, muito procurada.

O facto é que pelas 16.40, tomamos rumo à cidade episcopal de Autun, tão cheia de tradições.

Os dois carros venciam as distâncias com uma velocidade de 80 à hora e o Sr. Augusto punha à prova o seu, que andava em rotação. Foi conosco uma família creio que do Peso, que reside no sul da França e o viera visitar.

Depressa chegamos a Autun e a primeira coisa a ver foi o Lar dos velhinhos. Foi uma visita demorada. A Superiora estava a preparar umas salas com todo o cuidado, pois dentro de breve, iria trabalhar noutra terra.

Aqui se encontravam meninas que vinham fazer os seus estágios ou ajudar as irmãs no tempo de férias. Também vimos portugueses internados, um deles de Viseu, e alguns, reformados. Gostamos muito da limpeza, do carinho e da maneira como todos se tratavam. Enfim, uma bela casa, para um alto fim altruista. Pertencem a esta congregação as irmãszinhas de Campolide e do Pinheiro Manso, Lisboa e Porto, que trabalham em Portugal. E foi com pena que, há pouco, em Lisboa, soube, pela Senhora Directora, que não podiam tomar conta de mais casas em Portugal, por falta de vocações.

A visita à catedral foi também um pouco demorada. Puzemos todos à prova as possibilidades do coração e de resistência física, subindo à torre gigantesca, onde pudemos admirar um sino de proporções grandiosas. Bela catedral!

Não pudemos ver um local, que é muito procurado pelo turismo, mas creio que ficará para outra vez. Agora já não podíamos dispor de mais tempo.

Vimos tomar cá abaixo o nosso café e dispuzemo-nos a voltar ao "solar" acolhedor de Le Creusot, do Sr. António.

•••

Já no regresso, comentámos, mais uma vez, episódios da última guerra e pudemos ver o local onde caíram fusilados 9 franceses da resistência, que por ali lutavam contra os alemães, causando-lhes arrelias, desesperos e mortes. Quantas vezes estes heróis da resistência voltavam os marcos das estradas, dando assim outras direcções erradas aos soldados do Reich!

Escondidos, nestas florestas, quantos alemães foram abatidos nos seus carros, ao passarem nas estradas. Mas estas coisas também se pagam... 9 resistentes que ali caíram para sempre fusilados...

•••

Fora esta tarde reservada ao Sr. Augusto Merim. E que bela tarde. Sobretudo, o que mais me comoveu foi a insistência em visitar a Casa dos Pobres de Autun e o carinho que o nosso Amigo dispensava àquela linda obra. Aprendi muito. E gostei muito.

Ao Sr. Augusto Merim e sua Esposa, os meus reconhecimentos.

P.e Carlos

PENSO, 11

Realizou-se no lugar de Felgueiras a costumada festa em honra de Santa Comba, que se venera na sua capelinha no referido lugar de Felgueiras.

As 11 horas deu-se principio à Santa Missa, acolhida com 5 sacerdotes, coral com a banda de música dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Ao evangelho subiu ao púlpito um orador sagrado que muitíssimo agradeceu. No fim da missa saiu uma importante procissão dando a volta costumada com 5 lindos andores com as seguintes imagens: Santa Comba, S. Bento, Sra do Rosário, Menino de Deus e Sra da Lapa.

De tarde, arraijal com o alto falante do proprietário Ferreira, de Tangil de Monção.

A comissão muito trabalhou para os fins da indicada festa. Oxalá que para o ano se faça e que estejamos vivos, pois muitos que estiveram juntos o ano de 1960 estão juntos com Deus.

—Fazceu no lugar do Telhado o Sr. Domingos de Faro, com 84 anos de idade, pai muito querido do nosso amigo Gustavo de Faro, proprietário do comércio na Capital. Paz à sua alma.

Também na residência da sra Eufímia Rodrigues em Felgueiras, faleceu com 85 anos de idade a sr. Constança Rodrigues. A falecida tinha feito testamento deixando tudo à sua sobrinha e afilhada Eufímia Paz à sua alma.

TEMPO — Corre com muito calor. Era necessário uma chuvinha. Os milhares estão bem principados. Se assim for temos abundância deste cereal. Vinho? mizide d) ano passado?—C

Festival-Exposição do Vinho Português

(Continuação da 1.ª página) nismos corporativos, que terão assim oportunidade juntamente com produtores e vendedores, contribuírem para uma melhor expansão de uma das maiores riquezas da nossa terra.

Já há também a inscrição de muitas indústrias que servem a lavoura, desde a de vidro à de outros produtos que servem a vitivinicultura.

Está a ser organizado o programa de festas, que terá a colaboração de ranchos folclóricos, repetindo-se, este ano, o cortejo das actividades vinícolas, que o ano passado, graças ao esforço da comissão organizadora, teve completo êxito.

Semana do Ultramar

DISCURSO DA PROFESSORA D. AURORA DOMINGUES

(Continuação do n.º anterior)

Ela, está a medir sem cálculos, a maravilhosa aventura que é educar no culto da ordem, no sentimento do dever, na devoção à Família, a Deus, à Pátria. E sabe que sem disciplina interior o triunfo da vida é impossível. Que sem ela não há grandeza nem sacrifício. A Educadora, quando o sabe ser, tem algo do talento do génio — o génio do amor e com ele há-de debelar os ódios, as lutas, os rancores que fraccionam e enfraquecem.

E ver, em particular, como a Professora Primária se reza nas suas escolas — 40 crianças com os olhos em prece — "ó meu Jesus, dai Paz e Amor a Portugal e ao Mundo inteiro".

A Professora Primária soube escolher e está a cumprir junto dos pequenos soldados da Pátria. E, na maioria dos casos, cada pequeno educando há-de poder afirmar como Berthe Bernage: "Eu vi-te viver. E a tua vida era tão alta que puxava constantemente pela minha. E assim me guindaste à tua Altura". E que no exemplo há aquilo que chega ao coração e que decide a conduta da pequena gente portuguesa ao ver o exemplo de serenidade, de sacrifício, de puro patriotismo seguido pelos seus educadores.

E que dizer da Mulher Portuguesa, em geral?

Está presente, porque habita em si mesma, na sua preocupação pelos outros, por um Mundo melhor. A Mulher Portuguesa está com o espírito de joelhos aos pés da Virgem, Rainha da Paz, a implorar paz para a nossa Pátria, para a juventude ameaçada, para toda a humanidade em convulsão; a pedir a pureza dos costumes que tem de ressurgir deste Mundo inquieto e nervoso. Ela sabe que a hora é decisiva de Paz ou ruptura total e pede à Senhora que acorde os homens para a Verdade, que desperte os nossos irmãos adormecidos.

A Mulher Portuguesa está a ser digna das suas heroínas — dá para merecer, porque sabe que é preciso dar, dar para além da medida, para equilibrar os menos.

E está a atitude de aceitação e doação que lhe há-de merecer a continuação dum Portugal íntegro. E, além do mais Portugal é terra de Santa Maria e a Senhora de Vila Viçosa é a Mãe-Padroeira, resposta luminosa dada a Portugal para a sua indigência.

A Mulher Portuguesa está, pois, integrada nas suas responsabilidades como Mãe, Irmã, Esposa e Noiva, dentro do seu silêncio feito de acção, de recolhimento... e de dor. Seria bom ir aos "Lusiadas" ou recordar os versos de Fernando Pessoa que marcam um encontro da Mulher Portuguesa em duas épocas idênticas no valor dum acação que soube construir por si mesma:

— Por te cruzarmos
Quantas Mães choraram
Quantas filhas em vão rezaram
Quantas noivas ficaram por casar...

Valeu a pena?
Vale a pena?

A alma da Mulher Portuguesa e a alma de Portugal é grande. Ela está a passar o Bojador superando-se no sofrimento da partida, na dor dos seus irmãos que partem e que tombam em Angola.

O caminho, o seu caminho é dar-se e ela está a cumprir plenamente. Pode ter hesitado ao escolher, mas sabe cumprir.

Desde o Minho a Timor há testemunhos vivos que são dignos de D. Leonor de Bragança, de D. Filipa de Vilhena, de Isabel de Castro, de Deuladeu Martins. Se preciso for tornará presente as palavras da heroína de Monção!

DE LEVE...

Lemos... algures, que as únicas pessoas merecedoras de parabéns pela realização da obra do abastecimento de água potável a vários lugares da freguesia de Prado,

— Há coragem, poder de sacrifício e de actuação para dar e vender... Nós não regateamos nem economizamos doação à causa de Angola.

Desde a rapariga do campo, a empregada de balcão, de oficina, de escritório, até à professora primária, liceal e universitária há um ressurgir de responsabilidades, em tomar consciência das exigências da época e uma adaptação. E ver como em África, a Mulher Portuguesa está ao lado do soldado, vigilante e forte, virilmente feminina. Apreendeu o maneio das armas e reveza o marido ou parentes nos turnos de vigília. A Mulher Portuguesa é assim: meiga e épica, heróica e feminina, retaguarda do exército de um Portugal Eterno.

E certo que há deserções que quase se justificam.

A Mulher Portuguesa é muito mulher. Doi-lhe que os seus vão tentar a aventura da morte contra homens sem pátria nem credo, engodados por ambições ou bebidas suspeitas que lutam também, por um fim suspeito e impossível com a conciliação do sistema democrático com a estrutura tribal.

Doi-lhe que os seus rapazes caíam traiçoeiramente às mãos de bandidos de terroristas que surgem do capinzal de catanas e armas modernas com o grito de África para os africanos. Liberdade... Liberdade para outros mais tarde imporem ditadura tirânica, porque o preto não sabe usar de liberdade e é perigoso, simplesmente por ser preto.

Liberdade... África para os africanos que inserem nas colunas dos seus jornais: — até agora havia mestiços de brancos e pretas; chegou a altura de haver mestiços de pretos e brancas.

E por isso que quase se justifica a atitude de revolta e deserção da Mulher Portuguesa metida em conjecturas desencontradas e ferida a sua dedicação portuguesa de colonizadora e missionária.

— É assim que pagam... (diz ela). A África que vá para o diabo se assim o quiser. Os pretos que lidem com pretos ou com ursos russos. Não queremos que o sangue dos nossos seja derramado em vão. Que este sangue nada aproveite para os nossos irmãos que não de vir. Não vale a pena que os nossos soldados morram pela unidade de Portugal na pluralidade das raças. Portugal fica na mesma sem Angola e sem gente. Para que se não de sacrificar vidas? O que nós queremos é paz e que os ursos e outros mais se enfartem e enterrem as unhas à vontade.

São estes os extremos da Mulher Portuguesa na hora presente, devido à falta de compreensão.

E que a vida dilacera e estica em todos os sentidos. Já quase não se sabe onde está a Justiça e a Verdade ou ambas porque a Verdade é Justiça. Foi por isso que se notou um ficar aquém do que poderíamos... um aquém dos limites... Notou-se um desfalecimento, perda do sentido do dever e do esforço. Mas o apelo de Salazar acordou, pôs tudo em forma e está-se a viver intensamente, porque se entrou na realidade da dor e a dor acordou. Porque apareceu o Professor Salazar, um surto de Fé fundiu hesitações e a Mulher Portuguesa viu que Portugal tinha razão; que vale a pena que os nossos morram pela Justiça e pela Verdade de um Portugal uno na diversidade.

A Mulher Portuguesa tem Fé em Salazar, o estadista de 39-45 e por isso já não se duvida que Angola é Portugal e tem de continuar a sê-lo, que a nossa causa é justa.

Agora que a Mulher Portuguesa despertou está decididamente presente e não tem medo de dar a mais...

A Pátria pode confiar na Mulher Portuguesa.

são os srs. Manuel José Salgado e Herculano Arsénio Gomes Pinheiro.

Não obstante desconhecermos qual o papel desempenhado pelo segundo, na realização daquela obra... estamos plenamente de acordo; mas... o que muito lamentamos é que o turiferário (certamente sem conhecimento dos próprios) se tenha esquecido de incluir naquele "únicos" o nome do sr. prof. Manuel Luis de Pinho Gonçalves, pois foi ele quem, em Maio de 1955, sendo Vice-presidente da Câmara em exercício, se deslocou a Lisboa e ali, na Direcção Geral de Urbanização, pediu e obteve a comparticipação directa para a Junta de Freguesia de Prado levar a efeito a realização da referida obra. E já antes ou depois disto, este Senhor se deslocou ou deslocou à mesma cidade, onde feriu a mesma tecla, o que tudo anda publicamente escrito em letra de forma para... confusão de todos quantos viessem a enfeitar-se ("Notícias de Melgaço", de 15-5-1955, "Voz de Melgaço" de 1-8-1955 e possivelmente outras fontes que não temos à mão para corroborar o que dito havemos).

Enfim, como o sr. Voltaire, diremos: — *et voilà comme on écrit l'histoire...*

Um Melgaçense, amigo da Verdade

N. R. — Ao esclarecimento supra queremos juntar um facto, sem o que a história do abastecimento de água a Prado não está certa. E o facto é este: Mário, nosso ilustre colaborador agitou durante anos a necessidade imperiosa do abastecimento de água a Prado, e fez-lo na imprensa local. Ele agitando a ideia é que criou ambiente, para que as entidades actuassem. Porque o que se escreve está na imprensa local, queremos desta maneira dar ao Mário a parte que lhe cabe.

Procuramos, nestas colunas, evitar o esquecimento e a ingratidão.

J. V.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas

LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS
DE
«O MEU FICHEIRO»

HIDROGRAFIA MELGACENSE

Grosso-modo e sucintamente, já vimos as principais características dos rios **Minho, Trancoso e Laboreiro**. Do mesmo e maneira, vejamos agora os restantes, a começar pelo **Mouro**.

Este rio que, segundo li não me recorda já onde, em tempos antigos se teria chamado **Urgeado**—de **urze**, que corre entre matagais desta **ericácea**—nasce também no **sítio do Gavião Grande**, perto de **Alcobaça**; atravessa a antiquíssima povoação de **Lamas** do seu nome, onde, um tudo nada a juzante, junto a vetusta, típica e pitoresca ponte românica, recebe as águas de dois ribeiros que de **poente** para nascente lhe vem ao encontro, cujas fontes são, respectivamente, na **Portela do Lagarto** e na **Chã dos Fetos** (cume da montanha 1216 metros de altitude).

Daqui, descrevendo um grande círculo no sentido Sul-Norte-Poente, na sua margem esquerda, molha as freguesias de **Parada do Monte** e **Gave**, e, na direita, as de **Cubalhão** e **Couso**, recolhendo como tributários mais importantes em terras de Melgaço o **Regato de Cubalhão** e o **Medoira** (?) o **Mourim** (?) de **Parada do Monte**. A partir de **Tangil**, ruma novamente directa e francamente ao Norte, indo confluir no **Minho**, junto a **Ceivães**—povoação outrora chamada **Mouro de Juzano**; isto é: **Mouro de Baixo**, ou de **Juzante**, em oposição a **S. Pedro de Mu** ou **Mouro**—hoje **Riba de Mouro**—freguesia que se nenhuma vez se denominou **Mouro de Susano**... chamou-se **Cima de Mouro**, isto em oposição a **Mouro de Baixo**. Os chamadiços **Riba de Mouro** e **Ceivães**, ou **melhor Seivães**, como se escrevia no século passado, ainda não ganharam patina, pois são de origem recente, e significam:—**Riba**=**margem**, e **Seivães**=**seivas, verduras**, etc. Como se vê, crismas com seu quê de poesia; mas, cem por cento, acertados.

O rio **Mouro** é riquíssimo em trutas, mas também aqui **los aficionados** não deixam por pé em ramo verde a estes tão saborosos **salmonídeos**.

O **Folia**.—Da arquiseccular ponte romana da **Folia** recebeu este rio o seu crisma; não obstante abundarem documentos oficiais onde se lhe chama **Regato de Remoães**...

E ele formado, junto ao balneário das **Termas**, por dois regatos, a saber:—o da esquerda, que nasce em **Pomares, Paderne**, chamam-lhe **Lages** ao passar por **Craatos**, e **Peso** no sítio deste nome; e, o da direita, que nasce por cima da **Rasa de S. Paio**, tem o nome de **Lavadeiras** no **Pontelhão** e suas proximidades, e **Martingo** a partir de **Cortinhas**. In **Agua Minerio-Medicinais de Melgaço**, o prof. **Charles Leprieux** chama-lhe **Ribeiro de Bouça Nova**, porém onde ele foi buscar esta denominação não sei. Deste é seu principal tributário (no inverno que no verão o seu caudal é bem aproveitado para regar as terras...) a **Corga de Pontizelas**, e a partir do **Pontilhão** até ao pavilhão das **Termas**—ou seja precisamente por onde há menos de cem anos corria a desviada **Corga de Varzielas**—limita as freguesias de **Prado** e **Paderne**, e daqui até à sua foz, que dista 900 metros e tem a cota de 85 ditos, a última é a de **Remoães**.

Por último, vejamos agora o **Pontepedrinha**, assim denominado da ponte de pedra do mesmo nome—ponte que também crismou o local.

Este rio, cuja foz é no sítio chamado **Freijeos**—donde sai a famosa represa de **Fontenas**, que a tradição diz ter sido delimitada e cava por dois irmãos de **Remoães**, para fertilizar terras da sua freguesia—é também formado com águas de dois regatos, confluentes nas **Várzeas**:—o **S. Lourenço** e o **Bulegães**, ou **Regato da Vila**, como vulgarmente é mais conhecido.

Destes cursos de água, o primeiro—o **S. Lourenço**—tem as suas respectivas fontes em **Cavaleiro Alvo** e em **Lovio**; deste lugar até ao **Porto do Carro**, extrema as freguesias de **Rouças** e **S. Paio**; dali até à **Ponte de S. Lourenço**, aquela e a de **Prado**, e daqui até à **Pontepedrinha** esta e a da **Vila**. É um dos mananciais mais fertilizantes do concelho de Melgaço, donde sai um ror de represas, entre as quais as mais importantes são as do **Escourido**, em **S. Paio**; a de **Canles** em **Rouças**, e a de **Alça- pernas** em **Prado**. É também o que mais moinhos faz mover, pois para cima de vinte destes engenhos tenho eu conhecimento, não incluindo os arruinados e desaparecidos.

Não sabemos se é verdade

(Continuação da 1.ª pág.)

as nossas províncias ultramarinas, sem contudo nos elevar os encargos Tributários.

Pois muitas passões, muitas mesmo, se lembraram de levantar apressadamente os seus dinheiros, depositados na Caixa Económica e teria até um carro aparcado numa das nossas freguesias da serra a desencorajar a antiga confiança do nosso povo naquele organismo, segundo nos informam.

Como é ridícula a posição destes portugueses perante a atitude do ministro de Bona, o homem do «milagre alemão» Dr. Erhart, proclamando ao mundo que a nossa moeda era sólida.

Tem Melgaço reagido eficazmente nesta hora de dor para Portugal. O seu contributo de 35.000\$00 para as vítimas do terrorismo, é uma valiosa prova da sua união ao Governo nesta hora dura.

Melgaço, que já tem em Angola muitos dos seus filhos, a defender a torrão sagrado, será digno da hora que passa. Com o Governo; com Portugal!

PRADO, 10

Em Ancora.—A uso de banhos, estão para Vila Praia de Ancora, com seus respectivos filhinhos, as sr.s D. Maria Júlia Dantas Ribeiro; D. Maria Helena Ribeiro Morais; D. Amabélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues e sua sobrinha D. Amabélia Martins Moreira; D. Maria da Conceição Araújo Brito, D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e sua irmã D. Isolina Rosa Rodrigues Gomes; bem como as meninas Maria da Conceição da Rocha e Maria Luisa Domingues Soares. Quer dizer: quem quiser ver Prado terá de deslocar-se àquela praia... Pois que lhes aproveite.

— Com sua esposa, regressou de Lisboa o nosso velho amigo sr. Manuel José Gomes de Sousa.

— Foi para S. Gregório, residir na companhia de sua filha e seu genro, minha tia sr.ª Laura da Natividade Soares.

— Para consulta médica, foi a Lisboa a sr.ª D. Idalina Palmira Domingues Vieites, esposa do nosso muito amigo sr. Anibal Vieites.

— E quando esta carta chegar às mãos dos meus estimados leitores, decerto que esta freguesia já estará provida de pároco próprio—o rev. Justino Afonso, que ontem, no Seminário de Braga, pelo Senhor D. António Bento Martins Júnior, venerando Arcebispo Primaz, foi elevado ao presbiterado.

Que seja bem-vindo e que me permita que daqui lhe beiji a mão, já que não poderei fazê-lo pessoalmente no próximo domingo, por ocasião da sua Missa Nova.—(C).

Quanto ao segundo e último—**Rio do Porto, Bulegães, Mejanços**, ou **Souto dos Loiros**, como lhe chamou José Augusto Vieira, no seu **Minho Pitoresco**, ao passar por **Cavaleiros**, ou ainda **S. Mamede**, como se denomina em certo documento do século XIII—(prova provada que a ermida deste Santo já existia no monte do mesmo nome naquela época...)—quanto ao segundo e último, dizia, nasce em **Fiaes**, por cima do **Outeiro da Loba** (771 metros de altitude), onde em 18 de Julho de cada ano, comparecem os respectivos utentes da Vila, Rouças e Chaviães, para aí tomarem conta e dividirem entre si em partes iguais, durante o período chamado das **sete semanas**, das águas do **Ranhadouro**.

De todos os cursos de água do concelho, é este o que desde sempre mais sarilhos e discórdias tem provocado, até com dares e tomares na justiça; e, isto pelo simples motivo de "na casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão". Quero dizer o seu caudal é insuficiente para regar a área que dele depende, o que se podia remediar com a construção de duas ou três albufeiras, onde se julgasse mais conveniente. A sugestão aí fica...

Como pude e soube, cheguei ao fim. Releio agora tudo quanto fica para traz e chego à conclusão de que bom serviço prestaria à nossa terra quem limasse as muitas arestas e despretenciosos linguadões.

Façam-lhe, pois, esse favor ao

MARIO

SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS: No dia 17 o sr. Acácio Caetano Dias e o jovem Manuel Joaquim Inácio; no dia 20 a sr.ª D. Palmira do Rosário Caldas Alves; no dia 21 a sr.ª D. Maria Madalena Nabeiro (de Araújo), as meninas Antónia de Jesus Magalhães Machado Lourenço e Maria Ester Ribeiro e o sr. Ricardo Luís Parto; no dia 22 a menina Maria Madalena da Silva Ribeiro e o sr. dr. Henrique da Rocha Fernandes Pinto; no dia 24 o sr. dr. António Augusto Durães e o jovem Ricardo Domingues da Rocha; no dia 25 a sr.ª D. Maria do Carmo (Tábuas de Sousa); no dia 26 as sr.s D. Ana Monteiro Gomes Calheiros e D. Rosa Luisa Rodrigues de Abreu no dia 29 a menina Maria Fernanda Pinto da Silva e o sr. Fernando Rodrigues Nabeiro, e no dia 30 a menina Judite Elisete Dantas da Costa Afonso e o sr. Manuel Pereira (dos Ovos)

NOTÍCIAS DO CONCELHO

S. BENTO

Realizou-se no passado dia 11, no vetusto convento de Fiaes, a festa em honra de S. Bento, que foi muito concorrida.

NOVOS SACERDOTES

Este ano o nosso Concelho tem três novos sacerdotes: Justino Afonso, de Parada; José Cândido Marques, de S. Paio; e José Marques, de Rouças.

Nossos parabéns.

EMPEDRAMENTO DA ESTRADA FLORESTAL CARPINTERIA-FIAES

A Direcção Geral dos Serviços Florestais deu ao Sr. Abade de Fiaes a agradável notícia de que, este ano, seriam empedrados três quilómetros da estrada Carpinteria-Fiaes.

CAES DE CASTRO

Há dias estiveram em Castro técnicos do Exército a comprar cães de raça de um a dois anos, que vão seguir para Angola.

Assinar e ler
A VOZ DE MELGAÇO
é contribuir para o progresso da nossa Terra.

3ª página do n.º de 1 de julho

Da Vila

Junho, 25

Ecce iterum Crispinus...

Pois é verdadeira. Encerra já no próximo dia 30 do corrente mês o período de pesca no rio Minho e, fazendo o balanço da respectiva safra, achamos que no que toca a lampreias pode dizer-se que foi um ano relativamente bom; porém, já no que diz respeito a sáveis... foi uma autêntica miséria, pois cremos que se poderão contar pelos dedos duma só mão os pescados na costa melgacense. Os poucos mais que aqui se venderam vieram de baixo.

A que atribuir semelhante penúria?...

No ano transacto — que também assim foi — alegou-se que as pesqueiras saveiras ficaram arruinadas pelas cheias; a falta de caudal na devida altura, etc., etc. Salvo o devido respeito por estas opiniões, não cremos que estas sejam os motivos... pois, quanto a nós, o mal deve ter outra origem, a qual filiamos no seguinte:

Sendo o sável um peixe que gosta de desovar em águas frescas e vivas, isto é, nas nascentes dos rios, e como as barragens que os espanhóis construíram no Sil e a que os mesmos andam a construir no Minho, em Puerto Marim, lhes impedem o acesso àquelas águas, estas saborosas clúpeas desertam do nosso Rio, buscando outras fontes para fazer a competente desova.

Esta a nossa opinião. Porém oxalá que ela esteja redondamente errada, que a ausência de sáveis que entre nós, de ano para ano, se vem acentuando cada vez mais, seja motivada, não por aquelas, mas por outras causas desconhecidas e passageiras; pois, para miséria, já temos de sobejo outras pragas.

Crispino

Mercado semanal — Na local que com esta epigrafe publicamos em a nossa última carta, por lapso, saiu: «ameixas a 2\$00 a dúzia» em vez de **ameixas desde \$50 a dúzia**, pois nunca em Melgaço houve tamanha abundância destes frutos como neste ano. Enfim, coisas que acontecem, mas estas não trazem o mal ao mundo...

Falecimento — Vítimado pelo terrível cancro, faleceu, no pretérito dia 15, na sua residência, sita no lugar das Carvalhiças, subúrbios desta vila, o nosso velho amigo sr. José Narciso Esteves, de 61 anos, soldado da G. F. aposentado, filho de Alfredo Augusto Esteves e de Utelinda Augusta de Carvalho, cujo funeral, que se realizou na tarde do dia seguinte, pela enorme multidão de pessoas que nele se incorporou, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar e sentimento o que não admira, porquanto o chorado extinto era credor da estima geral.

Repouse em paz o querido amigo e a toda a família enlutada, nomeadamente a sua viúva, sr.a Alice Augusta Fernandes; a suas filhas sr.as Maria Helena Esteves Fernandes, Maria Estela Esteves Gonçalves e Maria Dina Esteves Domingues, e seus filhos Miguel e Manuel José Esteves; a sua nora sr.a Idalina Alice de Lima Esteves e a seus genros sr.s Henrique José Fernandes, João Caetano Gonçalves e Fernando António Domingues, aqui lhes apresentamos os nossos muito sentidos pésames.

Andam lobos no povoado... — Na noite de 20 para 21 do corrente, audaciosos gatunos assaltaram por escalamento, na rua do Rio do Porto, a alfaiataria do nosso amigo sr. José Eugénio Gonçalves Pereira Júnior, onde nada furtaram; dali foram-se ao «Stand Melgacense» e aqui, além da quantia de 1.800\$00, em dinheiro, os meliantes locupletaram-se com dois rádios

PELO HOSPITAL

Mais uma vez, a generosa mão de um melgacense, que tantas vezes, tem acudido às necessidades do hospital, voltou a mandar entregar uma valiosa oferta. E assim, recebeu há dias, aquela Casa: 2 sacos de 150 quilos de açúcar, 1 saco de 75 quilos de arroz, 1 fardo de 60 quilos de bacalhau, 2 caixas de 60 quilos de sabão, 1 saco de cem quilos de batata, 2 latas de 20 litros de azeite, 2 latas de 5 quilos de bolos, 30 quilos de massa, 2 quilos de café em grão, 1 quilo de chá.

E tudo isto, mais uma vez, em anonimato. Que o bom Deus Lhe pague e suscite mais corações, assim generosos, para se ajudarem as necessidades do nosso hospital.

PADRE CARLOS ANTONIO VAZ,

PROVEDOR DA SANTA CASA DA MISERICORDIA DA VILA DE MELGAÇO:

Nos termos do artigo 17.º dos Estatutos desta Santa Casa, são, por este meio, convidados os irmãos, a tomar parte numa reunião de assembleia geral extraordinária, que terá lugar na sala das sessões do hospital, no próximo dia 16 de Julho, pelas 17 horas, a fim de se tratar da compra dos terrenos, para a construção do novo edificio hospitalar e do aditamento aos nossos estatutos de um artigo, referente à distincção, a conceder aos beneméritos desta Santa Casa.

Se naquela data, não aparecer o número suficiente de irmãos, fica esta reunião, desde já, convocada para o domingo seguinte, na mesma sala e hora.

Santa Casa da Misericórdia da Vila de Melgaço, 30 de Junho de 1961

O provedor:

P.e Carlos António Vaz

portáteis e uma máquina de bar, acabando por ir assaltar o «Café Melgacense», ao lado, onde depois de embarcaram as bebidas que lhes deu na sua (deles) real gana, só se appoderaram de 800\$00... por mais não terem topado à mão de semear.

Desta ocorrência, que tem sido o assunto do dia, tomou conta a G.N.R., e é de presumir que esta autoridade não tardará a lançar a mão a lobos tão indesejáveis, cujo covil talvez não deva ser muito afastado destes sitios... Se bem que agora a gatunagem deslocasse de automóvel, e por isso podem ser de fora do concelho. Veremos...

O tempo e a agricultura — Tem pairado fortes ameaças de trovoadas e hoje parece querer chover.

Nos campos, vem-se procedendo à ceifa dos centeios, os quais nunca estiveram tão ruins — nem a palhe presta...

Agora, aos interessados, lembramos que em Julho podem semear: — alfafes (próprias da época), betarraba para salada, cenouras, chicória, couves diversas (incluindo repolhos, couve-flor e bróculos), ervilhas, feijões, nabos, rabanetes, salsa etc. (onde não falte a água para rega).

—Sulfatar, enxofrar, sachar, mondar e regar frequentemente; enxertar de borbulha, crestar as colmeias e semear as terras de pragana.

—E' necessário examinar os vinhos todas as semanas, conservar as vasilhas bem cheias e batucadas e as adegas frescas e arejadas.

A geira de Maio vale os bois e o carro; a geira de Julho vale os bois e o jugo.

Pelo Hospital

MOVIMENTO DO BANCO DURANTE O MES DE MAIO

Consultas, 149; Curativos, 189; Injeções, 339; Dias teimados, 10; Pequenas Cirurgias, 3; Grandes, 0; R. X., 4; R. P., 9; Alta, 33; Baixas, 33; Internados, 12.

Prado, 25

No lugar de Couzeiras, freguesia de Rouças no civil e da Vila no eclesiástico, faleceu, no pretérito dia 11, a sr.a Beatriz Marinha Gonçalves, costureira, filha de Joaquim José Gonçalves e de Maria José Salgado (Maximina) natural desta freguesia, onde nasceu em 1888 e onde gozava da estima geral, cujo funeral se realizou ao cair da tarde do dia seguinte para o cemitério desta localidade, tendo-se incorporado no prestito uma grande multidão de pessoas de todas as categorias sociais.

Paiz à sua alma e à toda a família enlutada, nomeadamente a sua filha sr.a D. Rosa Idália e a seus filhos sr.s Meimel e José Augusto Gonçalves, apresentamos sentidos pés mes.

—Chegada do Porto, accompanhada por sua gentil sobrinha menina Edmunda da Conceição Gomes, já se encontra em veraneio na sua vivenda desta freguesia a bondosa Senhora D. Isolinda de Moura Gomes. Muito boas vindas.

—Também se encontra entre nós, vindo de França, o nosso amigo e assinante sr. Jorge José da Rocha.

—Igualmente esteve aqui o sr. António José Trancoso, de Lisboa.

—De Ponte de Lima, donde trouxeram boas notícias, já estão nesta freguesia em gozo de merecidas férias as gentis académicas Ilda Alves Esteves e Maria Ester Ribeiro. Mui.s felicitações.

—E, ontem, com grande brilho e animação, realizou-se, no terreiro da Casa da Serra, uma animada verbena que foi muito concorrida e teve o concerto da afamada orquestra do «Tonecas».—C.

Pinto de Magalhães, Lda

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, Lda — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, Lda

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS
DE
"O MEU FICHEIRO"

QUIS EST HOMO?

Quer pela aliciante elegância e singeleza do estilo, quer também pela profunda erudição e conhecimento de causa com que está versado, foi aqui muito lido e apreciado o magistral ensaio heráldico sobre o simbolismo das Armas Municipais deste concelho — ensaio que a pena viva, apurada, fácil e delicada do Ex.^{mo} Sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira, em tão boa hora e com tanta felicidade, deu a lume em "A Voz de Melgaço" de 1 de Junho p.p. E tão apreciado foi esse trabalho que houve pessoas que logo me manifestaram desejos nem só de conhecer o ilustre e muito esclarecido Autor do mesmo, como também a origem das raízes que o prendem a esta fidalga, linda e hospitaleira terra de Santa Maria; o que mais não foi preciso para que eu viesse dizer aqui, do alto desta tribuna — urbi et orbi — o pouco que sei sobre tal assunto.

Pois o avô-materno do Sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira nasceu, em 1820, em Loviô, da vizinha freguesia de Rouças, no tálamo conjugal de António Gonçalves e de Joana Esteves, e em cuja paróquia, junto à Pia Baptismal, o Abade Francisco Lúcio de Sá Sotto Mayor Amorim Leões, como ele assinava quando tinha tempo e boa disposição, já nos últimos quatro anos da sua vida, além da Água lustral, Santos Óleos, etc., lhe pôs o nome de António Manuel.

Muito novo, mas decerto só depois de ter recebido as luzes da instrução, possivelmente, e por favor, auridas na aula-régia de gramática e latina de Fiães (que lhe ficava a menos de metade do caminho de igual aula da Vila), António Manuel Gonçalves, coração ao largo e a alma cheia de sonhos e esperanças, próprias da sua idade, lá abalou em demanda da linda e bucólica Vila de Ponte de Lima, cujo feitico e certos olhos que lhe surgiram em dada altura, tal como a flor do lotus, o haviam de prender para o resto da sua vida. Abraçou a carreira comercial, acabando por estabelecer-se por conta própria na rua do Postigo — hoje de S. José — onde, mercê da sua inteligência e sobretudo da sua robustíssima honestidade, veio a ser um dos mais empenhados comerciantes do seu tempo da falada Praça. Casou ele com D. Maria Josefa Esteves, natural daquela encantadora Vila e proprietária daqueles olhos feiticeros; enviuvou e ali faleceu, em 20 de Novembro de 1903, tendo havido do seu casamento três filhos e duas filhas.

Destas, a s.ra D. Maria da Conceição Gonçalves, foi a eleita do coração do também ponteliense sr. António Afonso Ferreira, filho de Joaquim José Afonso, oriundo de Celorico de Basto, e de D. Luísa Maria Alves Ferreira, de Ponte de Lima — um Homem Bom, jornalista distinto, grande baírrista da sua terra e tão considerado pelos magistrados, advogados e funcionários do foro que, não obstante deixar a sua profissão de comerciante em 1905, continuou a fazer parte da pauta dos jurados até morrer, em 1918, sem nunca ser recusado nas causas, tanto pela acusação como pela defesa, ocupando frequentemente a presidência do júri, mesmo quando não era o primeiro sorteado. Pois foi deste consórcio que, entre outros — um dos quais é o Sr. Dr. António Gonçalves Ferreira, meritíssimo Juiz Concelheiro do Supremo Tribunal de Justiça, aposentado, e mimoso Poeta das Horacianas e das Líbianas, um dos mais inspirados poetas regionalistas — em 30 de Agosto de 1894, na freguesia de Santa Maria dos Anjos da Vila de Ponte de Lima — berço e alfofre de poetas — nasceu o Sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira, cujos principais passos da sua vida intelectual, depois de ter concluído com brilho e dis-



DR. MÁRIO FERREIRA

S. Paio, 27

Realizou-se o casamento da gentil menina Elisete Maria Costa, de 20 anos, da Carreira, com o senhor Fernando de Amorim Costa, de 25 anos, da freguesia de Vascões, Paredes de Coura. Oxalá que sejam muito felizes.

— Em cumprimento de serviço, partiu para Viana do Castelo o nosso amigo e vizinho Manuel José Gomes, da Carpinteira. Muitas felicidades lhe desejamos.

— Realizou-se, no passado dia 18, a festividade de Santo André. Teve muita concorrência de povo. Foi abrihantada pela Cabine Sonora Melgacense e pelos B. V. M.. Houve missa solene, sermão e uma linda procissão que percorreu o caminho de sempre.

— Também no dia 25 se realizou, em S. Paio, a grandiosa festividade em honra de N. Senhora de Fátima, sendo a principal da freguesia. Teve missa solene, tríduo, comunhão e uma linda procissão com muito figurado e arraial.

Parada do Monte, 26

(Continuação da 2.^a página)
Sra. Maria Pereira esposa do Sr. Manuel Pisco, do lugar da A. Grande, uma das quais durou apenas dois dias. Deu à luz mais outra criança do sexo feminino a Sra. Maria Alves esposa do Sr. Manuel Rodrigues, do lugar do Chão do Bezero.

FESTIVIDADE — Realizou-se ontem, dia 25, a festa em honra de S. António do Mourim, que se celebra na sua Capela na vila de Ponte de Lima. A festa foi abrihantada pelo altofante do Sr. Reinaldo de Melgaço. À hora própria, subiu o púlpito o Sr. P.e António Domingues, nosso digníssimo Pároco que fez um sermão que muito agradeu.

O TEMPO E A AGRICULTURA — O tempo tem corrido magnífico para os milharais e feijoads, que estão muito bons. Centeios, os poucos que há estão muito bons. Os batataes estão fracos. Queríamos dar a notícia de haver muito vinho mas essa notícia em vez de ser boa, é má. Pois na nossa freguesia este ano não há vinho. As qualias este ano não terão muito trabalho nem a gente terá muito trabalho para fazer as vindimas, o que não é muito do nosso agrado. Pois nós queríamos ter muito trabalho para envasilhar o vinho, mas quando Deus não quer os seus não podemos.

Pelo Concelho

(Continuação da 1.^a pág.)

A estrada para a Peneda, a estrada de Rouças a Fiães e a Alcobaça, a estrada de Pomares a Parada e à Gave e outras, são obra do seu carinho por Melgaço. Compreendendo que era muito doloroso, ficar o povo sem os montes, S. Ex.cia encontrou meio de nos dar aquilo que sem os Serviços, só muito tarde nos poderia ser concedido, as estradas.

Melgaço tem uma dívida em aberto para com S. Ex.cia. Nesta nossa singela homenagem, ao Senhor Eng. Machado, não podemos esquecer outra grande figura dos Serviços, a quem Melgaço tanto deve, o Senhor Eng. João Manuel da Costa.

Em Clermont Ferrand — Não queremos deixar passar no olvido, um facto, aliás eloquente, que há dias, numa das cidades de França, em Clermont Ferrand, a quando dum solenidade religiosa se verificou.

Os nossos briosos rapazes que ali trabalham e são muitos, tomaram parte numa festividade religiosa com os franceses, havendo-se de tal maneira no seu respeito e compostura que mereceram a atenção e a homenagem do Senhor Bispo daquela cidade.

Bravo rapazes! Bravo! Como os vossos pais e esposas devem sentir orgulho por serdes nessa terra o que sois aqui, filhos de Deus, que não tem respeito humanos.

A vossa lição é a correspondência às palavras do Senhor: **Nem só de pão vive o homem.**

Que Deus vos ajude, rapazes. E que por toda a parte, onde haja um melgacense, não falte este respeito para com Deus.

Bravo rapazes!
Telefones — Uma boa novidade, para aqueles dos nossos conterrâneos que trabalham no estrangeiro: temos já quase todas as freguesias com telefones.

Falta agora Cubalhão e é de esperar que não ficará assim, já que o telefone é uma das grandes necessidades dos nossos tempos.

Felicitações todas as freguesias por este melhoramento que nos coloca a par dos concelhos mais progressivos do país.

Não é estranha a esta obra de progresso na nossa terra, a cuidadosa atenção do Senhor Eng. Henrique Pereira, muito digno Director Geral dos C.T.T. Aqui desejamos felicitar S. Ex.cia, bem como o Senhor Cordeiro Mor, que já nos honrou com a Sua presença, quando da inauguração dos C.T.T. em Castro Laboreiro. E a luz não vai a tardar.

Semana do Ultramar

(Continuação do n. anterior)

Nesta hora, ela é a mulher forte, cheia de virtudes cívicas e de amor pátrio que vive ao lado do filho, do irmão, do marido, do noivo, no afirmar-se da sua personalidade bem portuguesa que se traduz em autenticidade, em testemunho vivo de renúncia.

Fiel na alegria e no sofrimento, na esperança, no sacrifício e no trabalho ela sabe estar presente no momento em que a Pátria lhe bate à porta.

Trata-se de defender o património da grei, terra lusiada, demarcada com o sangue português. Ela sente o imperativo dum compromisso, imperativo da caridade-fraternidade que exige dela aceitação, sobretudo actuação junto da juventude em combate, das crianças sem pais, da família desempregada, dos lares sem pão.

A mulher portuguesa está a actuar, a corresponder ao que dela se esperava — comissões para angariar donativos a favor das vítimas do terrorismo, serviço de madrinhas, serviço na rádio, actuação na Cruz Vermelha, protecção às crianças e a quantos precisem, luta contra pessimismos ou concepções erróneas e sobretudo renúncia que é sacrifício, que é dor, que é oração, que é Paz. Desta Paz que não está no Mundo, "mas no olhar de paz com que olhamos o Mundo".

Como Educadora, obedecendo à sua vocação feminina leva à formação espiritual, cívica e patriótica da nossa geração. É guia de ideais, faz cristandade e patriotismo, em fidelidade ao caminho que escolheu.

A mulher Portuguesa, verdadeira educadora, está a educar ensinando as características da politica portuguesa e as suas realizações, isto para que a mocidade do nosso tempo não cresça alheada dos interesses do Estado e da sua posição no Mundo que ajudou e ajuda a decidir-se.

(Continua)

(Continua na 2.^a página)
Esta no v. anterior
do jornal anterior

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XVI - No 237

Melgaço, 15 de Julho de 1961

O que é a Bíblia

COMO DEVEMOS LER A BIBLIA

Devemos lê-la com humildade e não com orgulho ou presunção de entendermos quanto nela está escrito. Há na Bíblia partes difíceis ao entender. Basta pensarmos que a Bíblia foi escrita há muitos séculos e ao longo de muitos séculos, em línguas diversas, grego, aramaico e hebraico, que hoje são mortas.

Devemos lê-la, como quem reza invocando o Espírito Santo, pois Ele é que nos pode ajudar a interpretar o pensamento divino. Devemos lê-la com o maior respeito, como a Santa Mãe Igreja ensinava. Qual de vós não viu já incensar o missal, que contém grande parte da Bíblia?

Incensa-se a palavra de Deus. Também se incensa o SS.mo Sacramento.

E também o sacerdote, no fim de ler o Evangelho, beija a palavra divina e diz: **Per evangélica dicta, delantur nostra delicta — pelo que no evangelho está dito são apagados os nossos delictos.**

O propósito há-de ser este: ler a Bíblia com muito amor. Tenhamos ainda presentes estas normas: a Bíblia há de ser aprovada pela santa Igreja, publicada sob vigilância dos bispos e acompanhada de notas explicativas. Por isso é que é proibida a leitura de bíblias publicadas por não católicos.

O ESPIRITO SANTO FALA NA ESCRITURA

«Parece que está inspirado». Esta frase diz-se a respeito de alguém que está a dizer coisas muito oportunas e muito sensatas, as quais parecem ser concebidas por uma inteligência cheia de luz.

«Parece que está inspirado». Também se diz esta frase a respeito de alguém que, em circunstâncias difíceis, acertou fazer o que era indicado para resolver questões. Tal decisão proveio duma vontade recta e bem ordenada.

Subindo a um plano mais alto, ao plano divino, airmos que inspiração é uma iluminação da inteligência e um influxo na vontade do escritor sagrado, para que veja pela inteligência o que Deus quer revelar, e se mova pela vontade a escrever o que Deus quer que se escreva.

Praticamente vemos o que é inspiração num pedacinho de Jeremias (XX, 12): «Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias nos termos seguintes: Assim fala o Senhor Deus de Israel: escreve num livro todas as palavras que te tenho dito».

Vemos que a iniciativa vem de Deus que Ele é que ilumina, ditando até as palavras, e que Ele é que move a escrever.

Sendo assim, como é, Deus é o autor principal da Bíblia e o escritor sagrado, o homem, é o instrumento, vivo, livre e inteligente, de que Deus se serve para dar à humanidade os livros santos.

E desta maneira podemos estabelecer esta comparação: Tal, como Jesus Cristo é Deus e Homem, a Bíblia é um livro divino-humano. (Continua)

Não sabemos se é verdade

Não sabemos se é verdade — Vai acesa a guerra que Portugal é obrigado a manter em África. Tendo já em terras de Goa um valioso contingente de tropas, há muitos anos, é o Governo obrigado a mandar, com a urgência possível, grandes contingentes para todas

(Continua na 4.ª pág.)

GRI... GRI... GRI...

Vamos hoje referir-nos ao jardim em frente aos Paços do Concelho, mas deixaremos as flores para outra vez, que hoje é o dia da má língua:

A abundante e fresca sombra das lílias convida-nos a ir passar aí umas horas de calma, mas a escassez de bancos afasta-nos logo, porque há apenas dois, e um deles, pelas 9 horas, está impossibilitado de satisfazer o seu fim, devido à altíssima temperatura transmitida pelos raios solares.

Como sabemos, é um local muito frequentado, por estar mesmo à porta das Repartições Públicas, e torna-se aborrecido ter de estar de pé, uma ou mais horas, à espera da nossa vez.

Sabemos que o rendimento da nossa Câmara Municipal não dá para grandes obras, mas esta que julgamos de grande necessidade, não excederá as suas possibilidades financeiras, e mal vai, se tal sucede.

Não vamos pedir um banco para cada lília, como algumas localidades se vê, mas, francamente, é uma pobreza franciscana.

NOTICIA ALEGRE

No próximo dia 30 vamos ter oportunidade de ouvir em Paços a Banda de Música de Monção que vem abrilhantar a festividade em honra da gloriosa S. Ana. Haverá, de tarde, leilão e arraial.

GRILO

Festival-Exposição do Vinho Português

Tudo indica que o II Festival-Exposição do Vinho Português, que de 15 a 30 de Julho se realiza no Bombaral, vai constituir um magnífico certame de propaganda dos nossos vinhos e dos produtos que estão ligados à vitivinicultura.

O número de exposições é já grande, esperando-se a colaboração dos orgãos. (Continua na 2.ª pág.)

A propósito do centenário de Trindade Coelho

Augusto Esteves, como todos os antigos alunos da Velha universidade de Coimbra, além de todos os devotos das letras nacionais tem grande estima por Trindade Coelho, cujo centenário do nascimento ocorreu em 18 de Julho do ano em curso, pois nasceu em Mogadouro em 18 de Junho de 1861.

Augusto Esteves falou largamente, no colega local, deste escritor, e transcreveu da obra menos valiosa de Trindade Coelho trechos que brigam com a religião católica.

Porque o nosso jornal é católico, temos de esclarecer os nossos leitores, e, por isso, transcrevemos do «Mensageiro de Bragança» de 23 de Junho a apreciação ao pensamento religioso de Trindade, que dedicou ao confratâneo o número citado.

Leiam-se estes períodos do «Mensageiro de Bragança»:

«Entende que as Ordens religiosas deviam ser proibidas de ensinar, tal como em França determinara a triste lei Waldeck Rousseau; que os Seminários não haviam de ser dominados pelos jesuítas; que os círculos católicos de operários são nocivos, por se oporem ao socialismo; que estas forças da reacção deviam combater-se, de acordo com as instruções do Grande Oriente Lusitano Unido; que não há direito de proibir o divórcio; que o protestantismo é preferível ao catolicismo; que urgia manter uma Igreja Lusitana e que o Concílio Vaticano não foi admitido em Portugal», pelo que «não obriga a Igreja Portuguesa». (Id., op. cit., p. 374).

Não lancemos pedras ao grande contista, por estes discursos inconcebíveis. Ele repetiu, a seu modo, a tragédia religiosa de Antero, ao ver-se atirado, sem a necessária armadura teológica, para a balbúrdia assassina em que a nossa Universidade se tornara. Quase todas as suas crenças foram varridas, pelos ventos inclementes de irreligiosidade e ateísmo que sopravam lá. Depois, bebeu avidamente as heresias que o demo-liberalismo lhe propinava».

E depois de tudo isto — tendo-se afastado da verdadeira religião, a católica — em 9 de Junho, num acto de desespero, matou-se no 4.º andar do prédio n.º 20, da Rua da Misericórdia, em que vivia, em Lisboa!...

J. V.

DIÁRIO DE COIMBRA

Este nosso brilhante colega da Lusitana Atenas, no seu número de 4 ao corrente, a propósito da passagem por aquela cidade do Sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira, que ali foi festejar o 40.º ano da sua licenciatura em Direito, reproduz a parte final do significativo trabalho heráldico da autoria desse ensaísta «Sobre o simbolismo das armas municipais de Melgaço» que publicamos em 1.ª mão no dia 1 de Junho, e por se adaptar ao **minuto presente** que estamos a viver por causa da nossa querida província de Angola. Gratos pela deferência.

Por terras de França

Hei-de lembrar sempre o carinho, com que fui recebido na casa do velho amigo Sr. Joaquim Merim e família. Um lar verdadeiramente português, pelo grande amor à sua terra natal, pela delicadeza de sentimentos para com a nossa querida Pátria. Tudo, naquela casa, tão bem cuidada e acolhedora, lembrava o respeito devido a Deus e o carinho para com a nossa linda terra.

Os amigos do Sr. Joaquim não dispensaram a nossa visita.

Já não podia fazer a volta a França com a presteza desejada. Em Le Creusot, era preciso visitar todos os portugueses.

No dia 16: Entre as boas coisas desta cidade, o hospital ocupa um dos primeiros lugares. Vale a pena ver-se. E das coisas mais perfeitas que há pela França e no mundo da técnica. Seu capelão, uma boa figura de sacerdote, alto, sorridente, mutilado da guerra, sem um dos braços, havia de acompanhar-nos na visita ao edifício.

Boas salas de raio X; uma, para reeducação de membros e maçagens, outra com aparelhagem perfeitíssima para purificação do ar; as salas de operações, suficientemente amplas e com todo o material mais perfeito, não faltando uma boa e apropriada máquina para fotografias aos operados, de maneira que, durante as operações podem obter-se umas 50 por hora; bisturis eléctricos, etc. etc.

Uma bela cozinha, ampla, fresca, muito limpa, onde as refeições são o mais cuidadas possível, boas salas, para convalescença, repouso, etc., etc. e, na direcção, dedicadas irmãs.

Havia aqui a mão de um Homem. Um destes homens que surge sempre nas grandes ocasiões e que a cidade naqueles dias chorara e com ela o mundo dos grandes industriais e a própria França, com a presença do general De Gaulle, o Sr. Schneider.

Uma extraordinária fortuna, uma grande cabeça, ao serviço do seu país, criando riqueza, um coração, construindo 3 igrejas, um hospital, um colégio especial para engenheiros desenhadores, o homem que dirigiu uma das melhores fábricas do mundo, em certos ramos, fábrica a que não faltava a televisão para se ir verificando, simultaneamente, o fabrico de certas máquinas e 12.000 operários, 12.000 colaboradores.

Ainda pude ver, junto à igreja, onde celebrava a santa missa, muitíssimas coroas e ramos de flores que 2 carros transportaram dias antes, no funeral, desse grande homem e cidadão. Não faltara ali sequer a do Presidente da República do Brasil.

Vale a pena fazer bem. Se todos os homens do capital, desses que manipulam milhões e milhares, criassem riqueza, toda quanta pudessem, como seria grande a nossa Pátria, como todos os homens da nossa terra seriam mais felizes. E como é verdade o dito do nosso povo, quando recomenda aos rapazes que vão ganhar a vida: olhai que o dinheiro ganha-o um burro a trabalhar.

Este homem foi um criador de riqueza e prosperidade.

• • •

Num intervalo, fomos visitar vários amigos e conhecidos, o José Rodrigues, de Cerveira, que andou por aqui com o Sr. Baptista e hoje se encontra em França com os seus filhinhos. Os seus filhinhos! como me lembra sempre o mais velho, menino do coro, já a falar francês, no meio dos outros, tão educadinho e tão esperto...

Uma Senhora de Longos Vales e seu marido e um casal de Pinheiros, Paderne, com dois gémeos, ainda novinhos, no berço. Como são as mães! Quis que os vissemos também e esta senhora fez-nos portador duma linda notícia para a sua mãe que lhe disse que os fosse ver, que eram muito lindos os gémeos, que fosse a França para os ver...

Recebe esta Senhora 30.300 francos mensais do respectivo órgão do Estado para a educação de todos os seus filhos.

Que bela iniciativa esta de se ajudarem as mães a criarem os seus filhos.

Como são de louvar os Governos que dedicam a esta obra as suas atenções.

E vimos, mais uma vez, o simpático Caçador e seu filho e o Cortes, um belo rapaz, que fora caseiro e agora trabalhava na França. Quiseram que bebéssemos em sua casa e não faltou um porto de honra, a lembrar as nossas lindas terras de Melgaço e a nossa saúde.

Em todas as casas pude ver, facto que me encheu de alegria, símbolos religiosos, quadros de N. Senhora, crucifixos. Oh! a bela colónia portuguesa de Le Creusot!

Pudemos abraçar um antigo empregado do Hotel Randa, que ali lembramos, um simpático conterrâneo, que

PARA QUE SE SAIBA

Felicitemos todos os que para aqui escrevem por assinarem os trabalhos que enviam para o nosso jornal, tomando **responsabilidade** dos seus actos, e não a fazendo cair sobre os ombros do Director, regeitando a facilidade da **cobardia**, e ainda porque à face da lei o responsável do escrito é o Autor, e, quando este não assina, é o Director.

Parabéns a todos, e oxalá não seja necessário **adubar o caldo**.

Nesta casa respeita-se o carácter e quem o possuir.

PÊSAMES

Enviamo-los muito sentidos ao sr. prof. Vitoriano Ribeiro de Figueiredo e Castro e a sua Ex.ma filha sr.ª D. Maria Leonor Ribeiro de Figueiredo e Castro, pelo recente falecimento, em Braga, da sua chorada Esposa e Mãe, sr.ª D. Carmem de Jesus Araújo e Castro.

Que o Senhor tenha recolhido em Sua Santa Glória a alma da ilustre e pranteada extinta.

tanto nos acarinhou, e o Sr. Valadares de Paços e Família. Que horas bem passadas.

A tarde de hoje, 16, estaria sob a direcção do Sr. Augusto Merim. Quanto devo a este bom melgacense que me proporcionou um dos passeios mais lindos da minha volta a França.

Tem o Sr. Augusto Merim uma linda casa nesta cidade, um jardim que é um encanto, não faltando alguns bardos de vinha, porventura a recordar a nossa terra e uma bela oficina, muito procurada.

O facto é que pelas 13.40, tomamos rumo à cidade episcopal de Autun, tão cheia de tradições.

Os dois carros venciam as distâncias com uma velocidade de 80 à hora e o Sr. Augusto punha à prova o seu, que andava em rodagem. Foi conosco uma família creio que do Peso, que reside no sul da França e o viera visitar.

Depressa chegámos a Autun e a primeira coisa a ver foi o Lar dos velhinhos. Foi uma visita demorada. A Superiora estava a preparar umas salas com todo o cuidado, pois dentro de breve, iria trabalhar noutra terra.

Aqui se encontravam meninas que vinham fazer os seus estágios ou ajudar as irmãs no tempo de férias. Também vimos portugueses internados, um deles de Viseu, e alguns reformados. Gostamos muito da limpeza, do carinho e da maneira como todos se tratavam. Enfim, uma bela casa, para um alto fim altruista. Pertencem a esta congregação as irmãs de Campolide e do Pinheiro Manso, Lisboa e Porto, que trabalham em Portugal. E foi com pena que, há pouco, em Lisboa, soube, pela Senhora Directora, que não podiam tomar conta de mais casas em Portugal, por falta de vocações.

A visita à catedral foi também um pouco demorada. Puzemos todos à prova as possibilidades do coração e de resistência física, subindo à torre gigantesca, onde pudemos admirar um sino de proporções grandiosas. Bela catedral!

Não pudemos ver um local, que é muito procurado pelo turismo, mas creio que ficará para outra vez. Agora já não podíamos dispor de mais tempo.

Vimos tomar cá abaixo o nosso café e dispuzemo-nos a voltar ao "solar" acolhedor de Le Creusot, do Sr. António.

• • •

Já no regresso, comentamos, mais uma vez, episódios da última guerra e pudemos ver o local onde caíram fusilados 9 franceses da resistência, que por ali lutavam contra os alemães, causando-lhes arralhas, desesperos e mortes. Quantas vezes estes heróis da resistência voltavam os marcos das estradas, dando assim outras direcções erradas aos soldados do Reich!

Escondidos, nestas florestas, quantos alemães foram abatidos nos seus carros, ao passarem nas estradas. Mas estas coisas também se pagam... 9 resistentes que ali cairam para sempre fusilados...

• • •

Fora esta tarde reservada ao Sr. Augusto Merim. E que bela tarde. Sobretudo, o que mais me comoveu foi a insistência em visitar a Casa dos Pobres de Autun e o carinho que o nosso Amigo dispensava àquela linda obra. Aprendi muito. E gostei muito.

Ao Sr. Augusto Merim, e sua Esposa, os meus reconhecimentos.

P.e Carlos

PENSO, 11

Realizou-se no lugar de Felgueiras a costumada festa em honra de Santa Comba, que se venera na sua capelinha no referido lugar de Felgueiras.

As 11 horas deu-se principio à Santa Missa, acolhida com 5 sacerdotes, coral com a banda de músicos dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Ao evangelho subiu ao púlpito um orador sagrado que muitíssimo agradeceu. No fim da missa saiu uma imponente procissão dando a volta costumada com 5 lindos andores (com as seguras imagens: Santa Comba, S. Bento, Sra. do Rosario, Menino de Deus e Sra. da Lapa).

De tarde, arrajal com o alto falante do proprietário Ferreira, de Tangil de Monção.

A comissão muito trabalhou para os fins da indicada festa: Oxa á que piana o ano e e fça e que estejamos vivos, pois muitos que estiveram juntos o ano de 1960 estão juntos com Deus.

Faleceu no lugar do Terreiro o Sr. Domingos de Faro, com 84 anos de idade, pai muito querido do nosso amigo Gustavo de Faro, proprietário e comerciante "Capital" Paz à sua alma.

Também na residência da sra. Eufemia Rodrigues em Felgueiras, faleceu com 85 anos de idade a sr. Constança Rodrigues. A falecida tinha feito testamento deixando tudo à sua sobrinha e filha-da-lei Eufemia Paz à sua alma.

TEMPO — Corre com muito calor. Era necessária uma chuvinha. Os melgacenses estão bem principados. Se assim for temos abundância deste cereal. Vinho? metade do ano passado? — C.

Festival-Exposição do Vinho Português

(Continuação da 1ª página) nismos corporativos, que terão assim oportunidade juntamente com produtores e vendedores, contribuirão para uma melhor expansão de uma das maiores riquezas da nossa terra.

Já há também a inscrição de muitas indústrias que servem a lavoura, desde a de vinho à de outros produtos que servem a vitivinicultura.

Está a ser organizado o programa de festas, que terá a colaboração de ranchos folclóricos, repetindo-se, este ano, o cortejo das actividades vinícolas, que o ano passado, graças ao esforço da comissão organizadora, teve competente êxito.

Semana do Ultramar

DISCURSO DA PROFESSORA D. AURORA DOMINGUES

(Continuação do n.º anterior)

Ela, está a medir sem cálculos, a maravilhosa aventura que é educar no culto da ordem, no sentimento do dever, na devoção à Família, a Deus, à Pátria. E sabe que sem disciplina interior o triunfo da vida é impossível. Que sem ela não há grandeza nem sacrificio. A Educadora, quando o sabe ser, tem algo do talento do génio — o génio do amor e com ele há-de debelar os ódios, as lutas, os rancores que fracionam e enfraquecem.

E ver, em particular, como a Professora Primária sabe rezar nas suas escolas — 40 crianças com os olhos em prece — "Ó meu Jesus, dai Paz e Amor a Portugal e ao Mundo inteiro".

A Professora Primária soube escolher e está a cumprir junto dos pequenos soldados da Pátria. E, na maioria dos casos, cada pequeno educando há-de poder afirmar como Berthe Bernage: "Eu vi-te viver. E a tua vida era tão alta que puxava constantemente pela minha. E assim me guindaste à tua Altura". E que no exemplo há aquilo que chega ao coração e que decide a conduta da pequena gente portuguesa ao ver o exemplo de serenidade, de sacrificio, de puro patriotismo seguido pelos seus educadores.

E que dizer da Mulher Portuguesa, em geral?

Está presente, porque habita em si mesma, na sua preocupação pelos outros, por um Mundo melhor. A Mulher Portuguesa está com o espírito de joelhos aos pés da Virgem, Rainha da Paz, a implorar paz para a nossa Pátria, para a juventude ameaçada, para toda a humanidade em convulsão; a pedir a pureza dos costumes que tem de ressurgir deste Mundo inquieto e nervoso. Ela sabe que a hora é decisiva de Paz ou ruptura total e pede à Senhora que acorde os homens para a Verdade, que desperte os nossos irmãos adormecidos.

A Mulher Portuguesa está a ser digna das suas heroínas — dá para merecer, porque sabe que é preciso dar, dar para além da medida, para equilibrar os menos.

E esta a atitude de aceitação e doação que lhe há-de merecer a continuação dum Portugal íntegro. E, além do mais Portugal é terra de Santa Maria e a Senhora de Vila Viçosa é a Mãe-Padroeira, resposta luminosa dada a Portugal para a sua indigência.

A Mulher Portuguesa está, pois, integrada nas suas responsabilidades como Mãe, Irmã, Esposa e Noiva, dentro do seu silêncio feito de acção, de recolhimento... e de dor. Seria bom ir aos "Lusiadas" ou recordar os versos de Fernando Pessoa que marcam um encontro da Mulher Portuguesa em duas épocas idênticas no valor duma raça que soube construir por si mesma:

— Por te cruzarmos

Quantas Mães choraram

Quantas filhas em vão rezaram

Quantas noivas ficaram por casar...

Valeu a pena?

Vale a pena?

A alma da Mulher Portuguesa e a alma de Portugal é grande. Ela está a passar o Bojador superando-se no sofrimento da partida, na dor dos seus irmãos que partem e que tombam em Angola.

O caminho, o seu caminho é dar-se e ela está a cumprir plenamente. Pode ter hesitado ao escolher, mas sabe cumprir.

Desde o Minho a Timor há testemunhos vivos que são dignos de D. Leonor de Bragança, de D. Filipa de Vilhena, de Isabel de Castro, de Deuladeu Martins. Se preciso for tornará presente as palavras da heroína de Monção!

DE LEVE...

Lemos... algures, que as únicas pessoas merecedoras de parabéns pela realização da obra do abastecimento de água potável a vários lugares da freguesia de Prado

são os srs. Manuel José Salgado e Herculano Arsénio Gomes Pinheiro.

— Há coragem, poder de sacrificio e de actuação para dar e vender... Nós não regateamos nem economizamos doação à causa de Angola.

Desde a rapariga do campo, a empregada de balcão, de officina, de escritório, até à professora primária, liceal e universitária há um ressurgir de responsabilidades, em tomar consciência das exigências da época e uma adaptação. E ver como em África, a Mulher Portuguesa está ao lado do soldado, vigilante e forte, virilmente feminina. Aprendeu o maneio das armas e reveza o marido ou parentes nos turnos de vigilância. A Mulher Portuguesa é assim: meiga e épica, heróica e feminina, retaguarda do exército de um Portugal Eterno.

E certo que há deserções que quase se justificam.

A Mulher Portuguesa é muito mulher. Doi-lhe que os seus vão tentar a aventura da morte contra homens sem pátria nem credo, engodados por ambições ou bebidas suspeitas que lutam também, por um fim suspeito e impossível com a conciliação do sistema democrático com a estrutura tribal.

Doi-lhe que os seus rapazes caíam traiçoeiramente às mãos de bandidos de terroristas que surgem do capinzal de catanas e armas modernas com o grito de África para os africanos. Liberdade... Liberdade para outros mais tarde imporem ditadura tirânica, porque o preto não sabe usar de liberdade e é perigoso, simplesmente por ser preto.

Liberdade... África para os africanos que inserem nas colunas dos seus jornais: — até agora havia mestiços de brancos e pretos; chegou a altura de haver mestiços de pretos e brancos.

E por isso que quase se justifica a atitude de revolta e deserção da Mulher Portuguesa metida em conjecturas desencontradas e ferida a sua dedicação portuguesa de colonizadora e missionária.

— E assim que pagam... (diz ela). A África que vá para o diabo se assim o quiser. Os pretos que lidem com pretos ou com ursos russos. Não queremos que o sangue dos nossos seja derramado em vão. Que este sangue nada aproveite para os nossos irmãos que hão-de vir. Não vale a pena que os nossos soldados morram pela unidade de Portugal na pluralidade das raças. Portugal fica na mesma sem Angola e sem gente. Para que se hão-de sacrificar vidas? O que nós queremos é paz e que os ursos e outros mais se enfiem e enterrem as unhas à vontade.

São estes os extremos da Mulher Portuguesa na hora presente, devido à falta de compreensão.

E que a vida dilacera e estica em todos os sentidos. Já quase não se sabe onde está a Justiça e a Verdade ou ambas porque a Verdade é Justiça. Foi por isso que se notou um ficar aquém do que poderíamos... um aquém dos limites... Notou-se um desfalecimento, perda do sentido do dever e do esforço. Mas o apelo de Salazar acordou, pôs tudo em forma e está-se a viver intensamente, porque se entrou na realidade da dor e a dor acorda. Porque apareceu o Professor Salazar, um surto de Fé fundiu hesitações e a Mulher Portuguesa viu que Portugal tinha razão; que vale a pena que os nossos morram pela Justiça e pela Verdade de um Portugal uno na diversidade.

A Mulher Portuguesa tem Fé em Salazar, o estadista de 39-45 e por isso já não se duvida que Angola é Portugal e tem de continuar a sê-lo, que a nossa causa é justa.

Agora que a Mulher Portuguesa despertou está decididamente presente e não tem medo de dar a mais...

A Pátria pode confiar na Mulher Portuguesa.

Não obstante desconhecermos qual o papel desempenhado pelo segundo, na realização daquela obra... estamos plenamente de acordo; mas... o que muito lamentamos é que o turiferário (certamente sem conhecimento dos próprios) se tenha esquecido de incluir naquele "único" o nome do sr. prof. Manuel Luis de Pinho Gonçalves, pois foi ele quem, em Maio de 1955, sendo Vice-presidente da Câmara em exercicio, se deslocou a Lisboa e ali, na Direcção Geral de Urbanização, pediu e obteve a participação directa para a Junta de Freguesia de Prado levar a efeito a realização da referida obra. E já antes ou depois disto, este Senhor se deslocou ou deslocou à mesma cidade, onde feriu a mesma tecla, o que tudo anda publicamente escrito em letra de forma para... confusão de todos quantos viessem a enfeitarse ("Noticias de Melgaço", de 15-5-1955, "Voz de Melgaço" de 1-8-1955 e possivelmente outras fontes que não temos à mão para corroborar o que dito havemos).

Enfim, como o sr. Voltaire, diremos: — et voilà comme on écrit l'histoire...

Um Melgaçense, amigo da Verdade

N. R. — Ao esclarecimento supra queremos juntar um facto, sem o que a história do abastecimento de água a Prado não está certa. E o facto é este: Mário, nosso ilustre colaborador agitou durante anos a necessidade imperiosa do abastecimento de água a Prado, e fê-lo na imprensa local.

Ele agitando a ideia que criou ambiente, para que as entidades actuassem. Porque o que se escreve está na imprensa local, queremos desta maneira dar ao Mário a parte que lhe cabe.

Procuramos, nestas colunas, evitar o esquecimento e a ingratidão.

J. V.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas

LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * EL-

VAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS
DE
«O MEU FICHEIRO»

HIDROGRAFIA MELGACENSE

Grosso-modo e sucintamente, já vimos as principais características dos rios **Minho**, **Trancoso** e **Laboreiro**. Do mesmo e maneira, vejamos agora os restantes, a começar pelo **Mouro**.

Este rio que, segundo li não me recorda já onde, em tempos antigos se teria chamado **Urgedo**—de **urze**, que corre entre matagais desta **ericácea**—nasce também no sítio do Gavião Grande, perto de Alcobaga; atravessa a antiqüíssima povoação de Lamas do seu nome, onde, um tudo nada a juzante, junto a vetusta, típica e pitoresca ponte românica, recebe as águas de dois ribeiros que de ponte para nascente lhe vem ao encontro, cujas fontes são, respectivamente, na Portela do Lagarto e na Chã dos Fetos (cume da montanha 1216 metros de altitude).

Daqui, descrevendo um grande círculo no sentido Sul-Norte-Poente, na sua margem esquerda, molha as freguesias de Parada do Monte e Gave, e, na direita, as de Cubalhão e Couso, recolhendo como tributários mais importantes em terras de Melgaço o **Regato de Cubalhão** e o **Medoira** (?) o **Mourim** (?) de Parada do Monte. A partir de Tangil, ruma novamente directa e francamente ao Norte, indo confluir no Minho, junto a Ceivães—povoação outrora chamada Mouro de Juzano; isto é: Mouro de Baixo, ou de Juzante, em opposição a S. Pedro de Mu ou Moura—hoje Riba de Mouro—freguesia que se nenhuma vez se denominou Mouro de Susano... chamou-se Cima de Mouro, isto em opposição a Mouro de Baixo. Os chamadiços Riba de Mouro e Ceivães, ou melhor Seivães, como se escrevia no século passado, ainda não ganharam patina, pois são de origem recente, e significam:—**Riba** = margem, e **Seivães** = seivas, verduras, etc.. Como se vê, crismas com seu quê de poesia; mas, cem por cento, acertados.

O rio Mouro é riquíssimo em frutas, mas também aqui **los** aficionados não deixam por pé em ramo verde a estes tão saborosos **salmonídeos**.

O **Folia**.—Da arcaesular ponte romana da Folia recebeu este rio o seu crisma; não obstante abundarem documentos officiais onde se lhe chama **Regato de Remoães**...

E ele formado, junto ao balneário das Termas, por dois regatos, a saber:—o da esquerda, que nasce em Pomares, Paderne, chamam-lhe **Lages** ao passar por Crastos, e **Peso** no sítio deste nome; e, o da direita, que nasce por cima da Rasa de S. Paio, tem o nome de **Lavandeiras** no Pontelhão e suas proximidades, e **Martingo** a partir de Cortinhas. In **Agua Minerio-Medicinais de Melgaço**, o prof. Charles Lepierre chama-lhe **Ribeiro de Bouça Nova**, porém onde ele foi buscar esta denominação não sei. Deste é seu principal tributário (no inverno que no verão o seu caudal é bem aproveitado para regar as terras...) a **Corga de Pontizelas**, e a partir do Pontilhão até ao pavilhão das Termas—ou seja precisamente por onde há menos de cem anos corria a desviada **Corga de Varzielas**—limita as freguesias de Prado e Paderne, e daqui até à sua foz, que dista 900 metros e tem a cota de 85 ditos, a última é a de Remoães.

Por último, vejamos agora o **Pontepedrinha**, assim denominado da ponte de pedra do mesmo nome—ponte que também crismou o local.

Este rio, cuja foz é no sítio chamado Freijoas—donde sai a famosa represa de Fontenlas, que a tradição diz ter sido delineada e cava por dois irmãos de Remoães, para fertilizar terras da sua freguesia—é também formado com águas de dois regatos, confluentes nas Várzeas:—o **S. Lourenço** e o **Bulegães**, ou **Regato da Vila**, como vulgarmente é mais conhecido.

Destes cursos de água, o primeiro—o **S. Lourenço**—tem as suas respectivas fontes em Cavaleiro Alvo e em Lovjô; deste lugar até ao Porto do Carro, extrema as freguesias de Rouças e S. Paio; dali até à Ponte de S. Lourenço, aquela e a de Prado, e daqui até à Pontepedrinha esta e a da Vila. E um dos mananciais mais fertilizantes do concelho de Melgaço, donde sai um ror de represas, entre as quais as mais importantes são as do Escourido, em S. Paio; a de Canles em Rouças, e a de Alça- pernas em Prado. E é também o que mais moinhos faz mover, pois para cima de vinte destes engenhos tenho eu conhecimento, não incluindo os arruinados e desaparecidos.

Não sabemos se é verdade

(Continuação da 1.ª pág.)

as nossas províncias ultramarinas, sem contudo nos levar os encargos Tributários.

Pois muitas pessoas, muitas mesmo, se lembraram de levantar apressadamente os seus dinheiros, depositados na Caixa Económica e teria até um carro aparecido numa das nossas freguesias da serra a desencorajar a antiga confiança do nosso povo naquele organismo, segundo nos informam.

Como é ridícula a posição destes portugueses perante a atitude do ministro de Bona, o homem do «milagre alemão» Dr. Erhart, proclamando ao mundo que a nossa moeda era sólida.

Tem Melgaço reagido eficazmente nesta hora de dor para Portugal. O seu contributo de 35.000\$00 para as vítimas do terrorismo, é uma valiosa prova da sua união ao Governo nesta hora dura.

Melgaço, que já tem em Angola muitos dos seus filhos, a defender a torção sagrada, será digno da hora que passa. Com o Governo; com Portugal!

PRADO, 10

Em **Âncora**—A uso de banhos, estão para Vila Praia de Âncora, com seus respectivos filhinhos, as sr.as D. Maria Júlia Dantas Ribeiro; D. Maria Helena Ribeiro Morais; D. Amabélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues e sua sobrinha D. Amabélia Martins Moreira; D. Maria da Conceição Araújo Brito, D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e sua irmã D. Isolina Rosa Rodrigues Gomes; bem como as meninas Maria da Conceição da Rocha e Maria Luísa Domingues Soares. Quer dizer: quem quiser ver Prado terá de deslocar-se àquela praia... Pois que lhes aproveite.

— Com sua esposa, regressou de Lisboa o nosso velho amigo sr. Manuel José Gomes de Sousa.

— Foi para S. Gregório, residir na companhia de sua filha e seu genro, minha tia sr.ª Laura da Natividade Soares.

— Para consulta médica, foi a Lisboa a sr.ª D. Idalina Palmira Domingues Vieites, esposa do nosso muito amigo sr. Anibal Vieites.

— E quando esta carta chegar às mãos dos meus estimados leitores, decerto que esta freguesia já estará provida de pároco próprio—o rev. Justino Afonso, que ontem, no Seminário de Braga, pelo Senhor D. António Bento Martins Júnior, venerando Arcebispo Primaz, foi elevado ao presbiterado.

Que seja bem-vindo e que me permita que daqui lhe beije a mão, já que não poderei fazê-lo pessoalmente no próximo domingo, por ocasião da sua Missa Nova.—(C).

Quando ao segundo e último—**Rio do Porto, Bulegães, Mejanços**, ou **Souto dos Loiros**, como lhe chamou José Augusto Vieira, no seu **Minho Pitoresco**, ao passar por Cavaleiros, ou ainda **S. Mamede**, como se denomina em certo documento do século XIII—(prova provada que a ermida deste Santo já existia no monte do mesmo nome naquela época...)—quanto ao segundo e último, dizia, nasce em Flães, por cima do Outeiro da Loba (771 metros de altitude), onde em 18 de Julho de cada ano, comparecem os respectivos utentes da Vila, Rouças e Chaviães, para aí tomarem conta e dividirem entre si em partes iguais, durante o período chamado das **sete semanas**, das águas do **Ranhadouro**.

De todos os cursos de água do concelho, é este o que desde sempre mais sarilhos e discórdias tem provocado, até com dares e tomares na justiça; e, isto pelo simples motivo de "na casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão". Quero dizer o seu caudal é insuficiente para regar a área que dele depende, o que se podia remediar com a construção de duas ou três albufeiras, onde se julgasse mais conveniente. A sugestão aí fica...

Como pude e soube, cheguei ao fim. Releio agora tudo quanto fica para traz e chego à conclusão de que bom seria prestaria à nossa terra quem limasse as muitas arestas e suprimisse as grandes deficiências destes meus pobres e despretenciosos linguados.

Façam-lhe, pois, esse favor ao

MÁRIO

SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS: No dia 17 o sr. Acácio Caetano Dias e o jovem Manuel Joaquim Inácio; no dia 20 a sr.ª D. Palmira do Rosário Caldas Alves; no dia 21 a sr.ª D. Maria Madalena Nabeiro de Araújo, as meninas Antónia de Jesus Magalhães Machado Lourenço e Maria Ester Ribeiro e o sr. Ricardo Luís Patto; no dia 22 a menina Maria Madalena da Silva Ribeiro e o sr. dr. Henrique da Rocha Fernandes Pinto; no dia 24 o sr. dr. António Augusto Durães e o jovem Ricardo Domingues da Rocha; no dia 25 a sr.ª D. Maria do Carmo Tábua de Sousa; no dia 26 as sr.s D. Ana Monteiro Gomes Calheiros e D. Rosa Luísa Rodrigues de Abreu no dia 29 a menina Maria Fernanda Pinto da Silva e o sr. Fernando Rodrigues Nabeiro, e no dia 30 a menina Judite Elisete Dantas da Costa Afonso e o sr. Manuel Pereira (dos Ovos)

NOTÍCIAS DO CONCELHO

S. BENTO

Realizou-se no passado dia 11, no vetusto convento de Flães, a festa em honra de S. Bento, que foi muito concorrida.

NOVOS SACERDOTES

Este ano o nosso Concelho tem três novos sacerdotes: Justino Afonso, de Parada; José Cândido Marques, de S. Paio; e José Marques, de Rouças. Nossos parabéns.

EMPEDRAMENTO DA ESTRADA FLORESTAL CARPINTERA-FLAËS

A Direcção Geral dos Serviços Florestais deu ao Sr. Abade de Flães a agradável notícia de que, este ano, seriam empedrados três quilómetros da estrada Carpintera-Flães.

CAES DE CASTRO

Há dias estiveram em Castro técnicos do Exercito a comprar cães de raça de um a dois anos, que vão seguir para Angola.

Assinar e ler A VOZ DE MELGAÇO é contribuir para o progresso da nossa Terra.